

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
HISTÓRIA DA ARTE

Ana Beatriz Acioli Mendes

O FAZER ARTÍSTICO SINESTÉSICO:
o caso da artista Stephanie de Paula

Rio de Janeiro
2023

ANA BEATRIZ ACIOLI MENDES

**O FAZER ARTÍSTICO SINESTÉSICO:
o caso da artista Stephanie de Paula**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro – EBA/UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em História da Arte.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Aline Couri Fabião.

Rio de Janeiro
2023

ANA BEATRIZ ACIOLI MENDES

**O FAZER ARTÍSTICO SINESTÉSICO:
o caso da artista Stephanie de Paula**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em História da Arte.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Aline Couri Fabião.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Aline Couri Fabião
Escola de Belas Artes – EBA/UFRJ

Prof. Dr. Paulo da Costa e Silva Franco de Oliveira
Escola de Belas Artes – EBA/UFRJ

Prof. Dr. Sérgio Roclaw Basbaum
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

AGRADECIMENTOS

Se eu pudesse agradecer alguém, penso que esta pessoa seria a Ana Beatriz de 17 anos, sim, eu mesma. Obrigada, minha eu do passado, por tomar decisões drásticas em seu terceiro ano do ensino médio. Aquele período não foi fácil, quase todos os anteriores também não foram e mal sabia os que ainda viriam. A aprovação em História da Arte significa algo, não sei se compreendi, mas espero estar no caminho com esta monografia.

Também não posso esquecer todos que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho, tanto na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) quanto na Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), instituições que atuei ao longo da minha jornada acadêmica. Ambas com uma formação de qualidade, mesmo em meio às dificuldades como as tentativas enfadonhas de descredibilizar a ciência e com a falta de recursos e subsídios, tenho o orgulho de ter atuado nas melhores do Brasil.

Às pessoas com quem convivi ao longo desses anos de curso, meus sinceros “muito obrigada” pela troca, pelo acolhimento e pelo carinho. Sou grata pelo companheirismo e incentivo do meu namorado Igor Marinho; pela amizade indescritível com a minha querida dupla de trabalhos, Marcela Linhares; e pelas orientações das professoras, Dalila dos Santos Cerqueira Pinto, Tania Cremonini de Araújo-Jorge, Anunciata Cristina Marins Braz Sawada e Aline Couri Fabião por me receberem como aluna durante todo o meu percurso como pesquisadora.

Para que esta pesquisa fosse realizada, contei com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Obrigada pela bolsa de iniciação científica durante todos esses anos acreditando não só em mim, mas em toda a potência do trabalho.

A Sofia (*in memorian*) e Linda, que me fizeram companhia. Mesmo em dias difíceis, as duas me proporcionaram momentos divertidos e cheios de beijos caninos.

Em especial, agradeço também a Stephanie de Paula pela disponibilidade e apoio na elaboração deste trabalho. Obrigada pelas oportunidades de aprendizado diante de sua produção artística e a confiança em acreditar em mim para estudá-la.

Por fim, agradeço aos membros da banca examinadora e participantes da roda de conversa. A presença de vocês neste momento é muito especial para mim, por isso, faltam palavras para descrever a importância das considerações e observações sentidas.

RESUMO

Este trabalho pretende apresentar um estudo de caso sobre o processo criativo de uma artista independente sinesteta, Stephanie de Paula. A artista possui uma condição neurológica capaz de misturar dois sentidos involuntariamente, em seu caso, a visão e a audição. Ao ouvir cores, a artista possui uma produção pictórica que explora essas experiências. Ao citarmos a exposição “Sinestesia” (2019) como resultado da sua relação sensorial com a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro (OSTNCS), a monografia analisa os trabalhos expostos e os registros dos mesmos com depoimentos, entrevistas, anotações, entre outros. Ou seja, para investigar sua sinestesia enquanto prática de criação e condição intrínseca ao ser, é considerado sua trajetória pessoal e artística. Evidenciamos o olhar da artista sobre suas obras e como cada uma foi realizada. Procuramos compreender suas escolhas cromáticas, técnicas utilizadas e as referências presentes nas apresentações da Orquestra, sem esquecermos das interferências e implicações sensíveis.

Palavras-chave: sinestesia, exposição, experiência, processo criativo, percepção.

ABSTRACT

This work intends to present a case study on the creative process of a synesthete independent artist, Stephanie de Paula. The artist has a neurological condition capable of mixing two senses involuntarily, in her case, in vision and hearing. By hearing colors, the artist has a pictorial production that explores these experiences. When we cite the exhibition “Sinestesia” (2019) as a result of its sensory relationship with the Symphony Orchestra of the Cláudio Santoro National Theatre (OSTNCS), the monograph analyzes the works exposed and other products as testimonials, interviews, notes, among others. As such, this work investigates her synesthesia as a practice of creation and intrinsic condition of being; for that, it is considerate her personal and artistic trajectory. We highlight the artist’s view on her works and how each one was performed, we seek to understand her chromatic choices, techniques used and the references present in the Orchestra’s presentations, without forgetting the interferences and sensitive implications.

Keywords: synesthesia, exhibition, experience, creative process, perception.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Melissa McCracken, What If the Sky and the Stars Are for Show/Pink Matter - Frank Ocean, 2018, Óleo sobre tela, 76,2 cm x 63,5 cm.....	21
Figura 2 – Jack Coutler, As Quatro Estações (Vivaldi), 2022, Esmalte e acrílico sobre tela, 61 x 41 cm.....	24
Figura 3 – Sarah Kraning pintando.....	26
Figura 4 – Stephanie de Paula, Adagio, 2019, Aquarela em papel, 75 x 100 cm.....	29
Figura 5 – Stephanie de Paula, Strauss Oboé Concerto, 2019, Aquarela em papel, 46 x 60,7 cm.....	31
Figura 6 – Stephanie de Paula, Tuba Concerto por Vaughan Williams, 2019, Aquarela em papel, 29,7 x 42 cm.....	33
Figura 7 – Stephanie de Paula, Concerto Chorado. André Mehmari (estudos), 2019, Grafite, Dimensões variadas.....	34
Figura 8 – Desfile da marca Guilda no Brasília Trends – Design Fashion Week (esboços e fotografia das roupas), 2018.....	35
Figura 9 – Frame do vídeo da Stephanie de Paula pintando.....	37
Figura 10 – Stephanie de Paula desenhando durante o concerto.....	38
Figura 11 – Stephanie de Paula, Scheherazade, 2019, Aquarela em papel, 100 x 160 cm.....	39
Figura 12 – Trecho do diário Sinestesia - 29 de junho de 2019.....	40
Figura 13 – A artista Stephanie de Paula com o painel da exposição "Sinestesia".....	42
Figura 14 – Stephanie de Paula acompanhando a apresentação da OSTNCS.....	43
Figura 15 – Visão interna da exposição "Sinestesia" no foyer do Cine Brasília.....	44
Figura 16 – Visão externa da exposição "Sinestesia" no foyer do Cine Brasília.....	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Contextualização teórica.....	10
1.2 Justificativa e relevância.....	13
2 OBJETIVOS.....	15
2.1 Objetivo geral.....	15
2.2 Objetivos específicos.....	15
3 METODOLOGIA.....	16
4 CAPÍTULO 1: SINESTESIA COMO CONDIÇÃO E SUA PRESENÇA POÉTICA NA VIDA DE UM ARTISTA.....	19
5 CAPÍTULO 2: A ARTISTA STEPHANIE DE PAULA E SEU PROCESSO CRIATIVO SINESTÉSICO PARA A EXPOSIÇÃO “SINESTESIA” (2019).....	28
5.1 Contexto estético de suas produções.....	28
5.2 Processo criativo de suas pinturas sinestésicas	36
5.3 Exposição "Sinestesia" (2019).....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48
APÊNDICES.....	51
Apêndice A – Quadro 1 – Lista de textos sobre sinestesia coletados desde a iniciação científica (2019-2021) até o trabalho de conclusão de curso (2022).....	52
Apêndice B – Quadro 2 – Lista de pessoas notáveis que afirmaram ter sinestesia.....	53
Apêndice C – Roteiro da entrevista com Stephanie de Paula.....	54
Apêndice D – Convite para os participantes da entrevista com Stephanie de Paula (e-mail).....	56
Apêndice E – Convite para os participantes da entrevista com Stephanie de Paula (documento).....	57
Apêndice F – Termo de autorização de uso de imagem e som.....	58

INTRODUÇÃO

Partindo de minha experiência com a música e o sensorial, a presente monografia é o desdobramento temático da pesquisa de iniciação científica do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento e Pesquisa (PIBIC/CNPq) intitulada "Ver o som: oficinas de sinestesia para exercitar percepções auditivas-visuais"¹ (2019-2023). Agora, neste trabalho de conclusão de curso, orientada pela Prof^a. Dr^a. Aline Couri Fabião², pretendo argumentar um caso específico que surgiu nesse período.

Desde a infância, as artes me possibilitaram um espaço acolhedor para me expressar. Por ser uma criança introvertida, a imaginação foi por muitos anos minha única melhor amiga. Por isso, o vídeo, a fotografia e a música foram as linguagens que pude me identificar e potencializaram minha criatividade. Durante a graduação, essas relações e misturas foram sendo cada vez mais essenciais para minhas produções – e para a pessoa que sou hoje. Portanto, meu corpo gera inconscientemente diálogos entre as esferas do campo artístico. A música e as artes visuais caminham lado a lado em minha vida, inclusive academicamente.

A partir das pesquisas referentes ao material didático das oficinas produzidas durante a iniciação científica, que se debruçaram em buscar e conhecer artistas que são sinestetas e que criam em decorrência de sua condição, conhecemos a pintora e fashionista Stephanie de Paula. Ela explora sua sinestesia no âmbito das artes, principalmente no que diz respeito ao processo de criação de um artista com essa condição neurológica. Isto é, ela tem a condição rara de ouvir cores e, dentro de sua vasta produção de arte, explora suas experiências sensoriais em forma de pintura.

Ao ficarmos a par de seu trabalho e entendermos sua poética, a artista tornou-se para nós uma referência. Com a finalidade de darmos continuidade à temática de estudo da iniciação científica, a monografia consiste em trazer um exemplo prático e artístico sobre o assunto – um artista sinesteta que produz a partir de sua condição.

¹ Com orientação da Prof^a. Dr^a. Tania C. de Araujo-Jorge e com a Prof^a. Dr^a. Anunciata Cristina Marins Braz Sawada, a pesquisa fez parte da linha de estudo sobre CienciArte do Laboratório de Inovação em Terapias, Ensino e Bioprodutos do Instituto Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz (LITEB/IOC/FIOCRUZ). O subprojeto de iniciação científica consistiu em apresentar uma pesquisa qualiquantitativa, bibliográfica e empírica sobre a temática da sinestesia através de oficinas dialógicas sobre o assunto.

² Professora Adjunta da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA/UFRJ) atuando no Departamento de História e Teoria da Arte.

Para tanto, com base no levantamento bibliográfico do tema e na investigação que se aproximam da Neuroestética e Fenomenologia da Percepção, a pesquisa reflete sobre os *insights* e *inputs* diferentes de criatividade e os diálogos surgidos inevitavelmente no momento de nos expressarmos. Sendo caracterizada como um estudo de caso por meio de entrevistas e análise crítica das obras, a monografia tem em vista analisar os trabalhos e os registros da exposição individual chamada "Sinestesia" (2019) – mostra essa sendo resultado da relação sensorial de Stephanie com a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro (OSTNCS). Ao contar com depoimentos e anotações para investigar a sinestesia da artista enquanto prática de criação e condição intrínseca ao ser, consideramos tanto a trajetória pessoal quanto acadêmica e artística.

O presente trabalho foi organizado em dois capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado "Sinestesia como condição e sua presença poética na vida de um artista", explicaremos o termo sinestesia e os tipos transversais da artista que está sendo estudada. Stephanie de Paula possui peculiaridades diante do som desde seu nascimento, em razão disso, as conceituações sobre sua condição serão abordadas rapidamente ao longo desta pesquisa em conjunto com relatos de outros artistas que dialogam suas produções com seu contexto sinestésico sonoro-visual semelhantes a ela.

No segundo capítulo, por sua vez, trataremos sobre a criação de artes da Stephanie: seus métodos, suas inspirações e referências. Entender também seu processo, conceito e narrativa da exposição "Sinestesia" produzida no Cine Brasília em 2019. Para isso, foi proposta uma entrevista que pudesse coletar mais dados do que os publicados em jornais com intuito de divulgar a mostra.

1.1 Contextualização teórica

E se, ao ouvir qualquer som, automaticamente surgirem cores à sua vista? À primeira vista pode soar estranho ou não habitual, já que para ouvir algo, dependemos dos nossos ouvidos e a identificação visual fica por conta da visão. Essa ação nos gera inquietude, já que os olhos não seriam capazes, biologicamente, em sua função e resposta, de tal desempenho: "traduzir" um som em cor. Para alguns sinestetas, isso é completamente comum.

Mas o que é ser um sinesteta? Sinesteta é uma pessoa que possui a condição chamada sinestesia. Essa condição conecta os sentidos à percepção, a ponto de se identificarem e

responderem simultaneamente. Isso ocorre quando um sentido é ativado com outras células sensoriais paralelas a ele, fazendo com que haja experiências involuntárias automáticas em um órgão diferente do inicial. Isto é, conforme o exemplo inicial, a visão e a audição estariam relacionadas neurologicamente a ponto de ser quase impossível distinguir o que se vê e o que ouve como ações sozinhas.

Sinesteta, no presente estudo, é o sujeito com a base neural da condição. “A sinestesia é uma condição neurológica na qual o estímulo de um determinado sentido provoca uma percepção automática noutro sentido diferente.” (PRESA, 2008, p. 12). Pessoas sinestetas possuem gatilhos sensoriais trocados. Em muitos dos casos, não é uma doença e nem anomalia, mas pode surgir com base em uma.

A condição é recorrente em pesquisas ao longo dos séculos devido às suas inúmeras implicações no sistema nervoso, gerando sinais cruzados entre os cinco sentidos (audição, olfato, paladar, tato e visão). Conforme o neurologista Richard E. Cytowic, a temática vem sendo abordada, ao longo do tempo, pelas ciências e as artes com um misto de fascínio e desconfiança do fenômeno, por ser uma manifestação que dá conta da potência de criar conexões cerebrais raras.

Em outras palavras, ao longo do tempo, foram sendo analisados casos diversos, de variadas origens, podendo variar o leque de definições de sinestesia. Por se tratarem de sensações de um sentido em outro, diversas possibilidades podem ser geradas, já que há mais de uma resposta para tal percepção. A história da sinestesia é intrínseca ao ser humano e às suas impressões sensoriais. A única questão é a diferença nos estímulos e reações.

Desse jeito, se formos começar a elucidar o conceito por sua etimologia, podemos mencionar que o termo deriva do grego "synaísthesis", em que sua raiz “syn” significa “união” e “aísthesis” como “sensação”. Em qualquer idioma, a sinestesia é compreendida como uma possibilidade de unir os sentidos de modo a sentir algo muito mais potente que apenas ver ou ouvir, ou seja, “ouvir”³ – baseando em nosso caso de estudo desses dois sentidos.

“A sinestesia é uma questão com um histórico próprio. Suas raízes encontram-se já na Grécia, mas espetáculos de luz e som podem ser rastreados até mesmo na pré-história”

³ Termo utilizado na dissertação de mestrado "OUVER: a relação entre o som e a cor na percepção" (2018) em Tecnologia e Sociedade da pesquisadora Rebeca Hippertt pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná para indicar a junção das palavras “ouvir” e “ver”.

(BASBAUM, 2002, p. 13). O termo não era usado para impressões sensoriais múltiplas ao longo da primeira metade do século XIX. Não sabemos ao certo quem nomeou o primeiro depoimento sinestésico, isso porque há desencontros e imprecisões de registro. Contudo, por volta de 1860 a 1930, a sinestesia tornou-se presente cada vez mais em relatos de indivíduos que pensavam que todos sentiam o mesmo que eles (CYTOWIC, 2018). Esses indivíduos recorreram aos cientistas e médicos da época para compartilharem suas visões, gostos e sensações trocadas.

As crianças nascidas com traço neurológico ficam surpresas ao descobrir que nem todos experimentam o mundo da maneira que eles fazem. Por serem muitas vezes ridicularizados ou desacreditados, eles tendem a manter suas percepções extraordinárias para si mesmos. Mas eles não podem suprimi-los, e sempre tiveram suas estranhas percepções desde que podem se lembrar. (CYTOWIC, 2018, p. 2, tradução nossa).

Com isso, a experiência subjetiva da sinestesia acaba sendo ignorada quando resumimos desse jeito, além de retraindo e fazer com que o sinesteta duvide de sua sanidade mental. “Os sinestetas geralmente pensam que todos os outros experimentam o mundo da mesma maneira que eles, ou então foram ridicularizados quando crianças e não contam a ninguém sobre sua sinestesia há anos.” (RAMACHANDRAN; HUBBARD, 2001, p. 4, tradução nossa).

Mesmo que para um observador “comum” esse tipo de experiência pareça anormal (Cytowic, *op. cit.*, p. 2.) e estranho, ao contrário, para um observador “extra-ordinário” como um sinesteta, é sua realidade cotidiana. No entanto, é apenas acidentalmente que essas pessoas reconhecem que eles têm sinestesia, uma vez que representa efetivamente sua experiência normal do mundo. É somente quando um confronto casual com outras pessoas, não sinestetas, que a sinestesia se torna consciente. (Cytowic, Eagleman, *op. cit.*, pp. 2-3). (FORESTA, 2015, p. 2, tradução nossa).

A sinestesia sempre existiu na vida do ser humano, seja ela a condição ou a metafórica. As associações ou os cruzamentos entre os sentidos é uma questão intrínseca que fascina tanto pesquisadores quanto curiosos diante das sensações e como nossas experiências ocorrem. Isso porque o termo pode ser tão empregado a questões neurológicas quanto metafóricas, já que a linguagem humana possui recursos inter-sensoriais em usos associativos, tais como: cor berrante, resposta seca, voz macia e entre outros exemplos.

Não há razão para pensar que a sinestesia não existiu em toda a história da humanidade. Simplesmente não temos registros adequados para fazer uma determinação confiável. Famosos pensadores tal como Aristóteles, Johann Wolfgang von Goethe e Sir Isaac Newton pensaram por analogia (um método científico aceito até o final do século XVII) através de diferentes dimensões de percepção para emparelhar, por exemplo, uma frequência de som com uma determinada frequência de comprimento de onda da luz. Essa abordagem levou a artifícios deliberados mencionados anteriormente que embora não seja o tipo perceptual de sinestesia, não são sem interesse inerente. (CYTOWIC, 2018, p. 19, tradução nossa).

Este é um trabalho de História da Arte sobre um tema relativamente pouco explorado pela disciplina, já que, conforme a bibliografia consultada, a sinestesia é geralmente estudada por neurologistas. Ainda assim, vemos o campo artístico e literário com percepções diante da temática ao longo dos séculos, principalmente diante das correspondências entre cor e som, seja por anseios metafóricos ou com interesses científicos. E como o assunto precisa ser abordado tanto enquanto condição mas também como sua presença no âmbito das artes, nos aproximamos dos autores da literatura médica como os já mencionados Richard E. Cytowic e Sean A. Day articulando com as questões de diálogo sensorial e criatividade artística.

Seguiremos a definição que a “sinestesia é um resultado perceptivo, dirigido por um condicionamento do cérebro” (LEOTE, 2015, p. 64) mas sem esquecermos que esta é um fenômeno sensorial genuíno do indivíduo (RAMACHANDRAN; HUBBARD, 2001). Sendo assim, um sentido desencadeia respostas sensoriais e cognitivas em outro órgão do sentido, em que essas conexões nervosas interligadas se desdobram em questões fisiológicas de nascença ou adquiridas ao longo da vida, mas também criativas e interpretativas do perceber.

1.2 Justificativa e relevância

Desde mais nova, quando comecei a ter mais consciência e opinião do que poderia ser arte para mim, pude notar haver um intuito voluntário de misturar. Essa mistura tinha sempre o interesse de criar a partir das linguagens artísticas já estabelecidas. Não havia uma fronteira entre pintura e música, por exemplo, pois em meu julgamento, ambas poderiam se relacionar a ponto de resultarem uma pintura musical ou música pintada — se é que existem esses termos. Tinha a ideia que o campo das artes era para se criar sem parar e que conexões poderiam ser feitas puramente pela vontade de inovar e de se expressar. O céu não era o limite e inúmeras possibilidades poderiam surgir pelas emoções e pensamentos.

Ao ingressar no curso de graduação de História da Arte, os questionamentos sobre o que seria perceber e experimentar foram minhas motivações. Aspectos psicológicos e fisiológicos fazem parte da percepção, onde a própria não depende exclusivamente da sensação. Por isso, me aproximei dos filósofos Immanuel Kant (1724-1804) e Maurice Merleau-Ponty (1904-1961) quando os mesmos destacaram o contato perceptivo que temos com o mundo. Perguntas como “de que maneira somos cativados pelas obras de arte?” ou “por que sentimos reações tão vívidas e únicas quando estamos diante delas?” foram levantadas por mim quando eu mesma buscava me aproximar das obras.

Essa investigação sobre os vínculos que criamos com a arte pode ser compreendida pela videoarte "VER SONS" (2018-2019)⁴ e, posteriormente, na pesquisa de iniciação científica. Nos projetos citados, tive em vista expor essas indagações, sobretudo, da tríade público-meio-arte, onde os sentidos são aguçados para uma maior fruição da imagem, som, cor e cheiro, entre outros. Isto é, o que vemos é o que vemos realmente? E o que seria "ver"?

Compreender a relação entre sujeito e objeto, pautado em descrever a vivência e não analisar seu conteúdo independentemente ou alheia ao contexto do indivíduo, potencializa o mundo experienciado e interpretado por nós. Ao apontarmos a conexão que temos com as artes pelos sentidos, indo além da educação, da cultura e da socialização, estamos propondo uma perspectiva de conflito entre idealização, realidade e abstração na percepção e entendimento das obras de arte.

A partir disso, a sinestesia me encontrou. A temática proporciona um estabelecimento de relações entre experiência estética e experiência sensorial. A sinestesia e as formas de cruzamentos sensoriais são de extrema relevância pessoal, mas também temas de investigação importantes para o conhecimento da fruição e participação dos sentidos. No que diz respeito ao campo artístico, ela também se mostra interessante no processo de criação, já que

A sinestesia é uma chave importante para entender a mente humana, especialmente a criatividade, porque a conexão entre arte e sinestesia pode revelar aspectos precisos da consciência humana com grande clareza. A sinestesia e a metáfora também desempenham um papel importante na compreensão do que se passa em nossos cérebros quando olhamos para uma obra de arte - a neuroestética (a arte como extensão das funções do cérebro). (HEYRMAN, 2005, n.p., tradução nossa).

⁴ **VER Sons**. 1 vídeo (10min12s). Publicado no Vimeo. Disponível em: <https://vimeo.com/805490636>. Acesso em: 7 de março de 2023.

Ao acompanhar a prática de um artista, conhecemos suas referências teóricas e ficamos cientes de seus desdobramentos de pesquisa e produção. Portanto, nesta perspectiva, o presente estudo tem como a seguinte problemática: “quais são os processos artísticos de uma artista com a condição neurológica sinesteta?” Ao analisar a produção de uma artista que possui a condição, meu interesse é desbravar o percurso de um universo poético não-comum e entender sua habilidade.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

- Investigar o processo criativo e artístico da artista Stephanie de Paula diante da exposição “Sinestesia” (2019) enquanto sinesteta.

2.2 Objetivos específicos

- Refletir sobre o fenômeno sensorial sinestésico no âmbito da História da Arte, tal como as relações entre as Artes Visuais e a Música ao longo das produções artísticas que se entrecruzam;
- Elucidar sobre o tipo de sinestesia da artista em questão, sendo: cromestesia (som-cor) desenvolvimental de origem neonatal;
- Apresentar e analisar o processo criativo da exposição desde o contato com a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro (OSTNCS), criação das pinturas, seleção, discurso curatorial e realização;
- Investigar as obras da artista enquanto fenômenos de sua condição.

3 METODOLOGIA

A pesquisa se classifica como exploratória diante do assunto, embasada pelo levantamento bibliográfico⁵, na qual evidenciamos a literatura e o estudo documental da condição em âmbito artístico. Ao quantificar os textos selecionados para a leitura e fichamento, notamos a complexidade do tema proposto. Nosso cérebro é responsável pelo nosso corpo, memória, inteligência e emoções, e quando mencionando a sinestesia, muitas questões surgem diante da linguagem e da mente. Segundo Carla Patrícia Magalhães Presa (2008), mestre em Design Multimídia, a condição precisa ser estudada por inúmeros indivíduos, sejam eles as pessoas que tenham esta condição ou pessoas que possuem o interesse de entender essas conexões.

A seleção das fontes se desenvolveu por meio dos títulos apresentarem uma ou mais palavras-chave nos buscadores e repositórios científicos. Palavras foram: sinestesia, som e cor, percepção e experiência, arte, e neurociência e neuroestética. O rastreo se deu nos *sites* Google Acadêmico e Google Book, Library Genesis, ResearchGate, Academia.edu, além de universidades.⁶

Podemos resumir que, por meio de uma leitura completa e analítica da bibliografia na qual houve uma identificação das ideias-chaves, tanto no título quanto no andamento do texto, a monografia apresenta um referencial bastante considerável sobre uma condição neurológica que muitos ainda desconhecem. Prova-se que há referências científicas; mas, apesar disso, vemos o quão específicas elas são. E, por isso, foi proposto uma discussão interdisciplinar no campo das artes com as das ciências, principalmente a neurociência e neuroestética, para haver um fluxo de busca e apreensão do assunto de forma que não fique reclusa a somente uma área do conhecimento.

Através da experiência do viver, nosso referencial teórico baseou-se na fenomenologia quando partimos da essência desse fenômeno neural. Ao contextualizarmos no campo da

⁵ Parte da bibliografia desta monografia é oriunda do levantamento realizado na iniciação científica, na qual foram coletados e registrados 35 textos diante a temática sinestesia no período de 2019 a 2021. Com a especificidade trazida pelo objeto de estudo, uma nova busca foi realizada no ano de 2022, adicionando mais 10 textos sobre sinestesia.

⁶ Podemos observar a planilha elaborada como consulta e registro desses achados no Apêndice A chamado de "Quadro 1 – Lista de textos sobre sinestesia coletados desde a iniciação científica (2019-2021) até o trabalho de conclusão de curso (2022)".

História da Arte, nos aproximamos de textos em sua maioria publicados no período da década de 1990 até hoje, isso porque houve um grande renascimento diante do assunto devido o uso de drogas alucinógenas e seus efeitos. Esta bibliografia levantada trouxe considerações para os estudos diante do fenômeno se apoiando na história, mas também partindo de teorias atualizadas.

Como no prefácio do livro publicado em 2002, "Fundamentos da cromossonia: sinestesia, arte e tecnologia"⁷ de Sérgio Basbaum, diz que o autor discorreu sobre o termo "cromossonia" relacionando a linguagem artística sinestésica, principalmente som-cor, com a tecnologia digital. Além disso, Basbaum evidenciou a história entre as artes visuais e musicais ao trazer dados de artistas e pensadores de cada época, ou seja, destacou as relações multissensoriais/sinestésicas com recursos teóricos sobre a percepção sinestésica.

O pesquisador Sean A. Day, em seu livro "Synesthetes: a handbook" (2016), se referiu à sinestesia como traço⁸ genético, uma característica herdada ou resultante de mutação. Sendo um sinesteta, ele propôs apresentar definições das diferentes formas de sinestesia. Nós nos aproximamos de suas outras produções teóricas que podem ser vistas ao longo do nosso texto. Além disso, seu *site*⁹ se mostrou um achado notável para nossa pesquisa devido às dificuldades encontradas em razão dos acessos restritos a PDFs ou a falta de versões digitalizadas desses materiais.

Já em "Synesthesia: A Union of the Senses" (2018) e outras produções textuais de Richard E. Cytowic, temos as ponderações do neurologista diante das características neurais da sinestesia, entendendo ela como condição de base neural. Ou seja, argumentando que a sinestesia pode ser além de uma figura de linguagem, mas sim uma possibilidade real que acontece no cérebro.

Ao abordarmos a sinestesia, a partir da fenomenologia e da neurociência, estamos procurando estabelecer relações entre a arte e o cérebro, principalmente, um cérebro de um sinesteta. Nossa escolha metodológica se dá pela análise das pinturas selecionadas para a exposição da artista Stephanie de Paula, ou seja, entender a base na seleção das cores, das

⁷ O livro é oriundo de sua dissertação de mestrado, já o prefácio foi escrito por Martin Grossmann, professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP).

⁸ "A sinestesia não é uma doença, nem é um déficit, na maioria dos casos. Eu costumo referir à sinestesia como um 'traço', como ser canhoto, ou ter cabelos ruivos ou olhos verdes." (DAY, 2016, p. 2, tradução nossa).

⁹ Synesthesia. Daysyn.com. Disponível em: <http://www.daysyn.com/index.html>. Acesso em: 30 de dezembro de 2022.

formas e dos movimentos registrados por ela. A visão não está sozinha em seu processo de percepção.

Faz-se necessário compreender também os diálogos e entrecruzamentos das Artes Visuais com a Música, já que com a escolha de discutir sobre uma artista sinesteta, essas relações interdisciplinares ficaram mais evidentes. Nosso foco, a partir da sinestesia, foi de evidenciar como ela está interligada aos objetos artísticos, principalmente pelo artista e sua condição, ou vice-versa. Compreender como a condição sinestésica é entendida e desenvolvida por esse agente, não só no meio prático artístico, mas na produção teórica-investigativa de pesquisadores dos campos de neurociência, linguística e psicologia, por exemplo.

Outra ação exercida nesse processo foi o mapeamento de sinestetas¹⁰. As referências coletadas exemplificam a sinestesia através de casos de pessoas que possuem a condição ou que, de certa forma, contribuem para a discussão sobre a união sensorial. E esse quadro¹¹ não fica restrito às referências literárias, mas também por meio das redes sociais, onde muitas das vezes, artistas inserem "artista sinesteta" em seu próprio idioma em suas biografias ou citam em entrevistas para canais de televisão, ou rádio, por exemplo.

Por meio de um estudo de caso sobre a poética de uma artista sinestésica, contamos com a idealização e concepção de entrevista e roda de conversa. Esta proposta serviu como um maior apoio e aprofundamento crítico sobre a artista e sua produção, especialmente para a exposição citada, sem esquecermos das análises e interpretações fenomenológicas de suas obras. O método de coleta de dados mais próximos aos interesses do trabalho foi a entrevista semiestruturada¹². As perguntas foram construídas considerando o contexto da artista e sua condição, além da construção curatorial de sua exposição. Vislumbramos, com elas, a subjetividade diante da temática tanto encarada como um problema ou como um fascínio

¹⁰ Essa busca tem como parceria o projeto paralelo à iniciação científica, chamado Oficinas de Sinestesia. Esse projeto cultural possui três eixos de desenvolvimento, sendo um deles a divulgação científica e a sua presença na *internet*. O projeto tem o intuito de divulgar os mais diversos conteúdos sobre a sinestesia, o que, consequentemente, conecta públicos variados, sendo justamente os artistas sinestetas que produzem por meio da condição e que divulgam a mesma *on-line*. Através do buscador da rede social Instagram, ao inserir o termo "sinestesia" foi possível encontrar milhares de pesquisadores e artistas publicando a respeito do seu tipo, sobre a condição e suas criações. Todos esses achados estão compartilhados no destaque de *stories* intitulado "Sinestetas" (<https://www.instagram.com/stories/highlights/17899466800927765/>).

¹¹ Podemos observar a planilha elaborada como consulta e registro desses achados no Apêndice B chamado "Quadro 2 – Lista de pessoas notáveis que afirmaram ter sinestesia".

¹² O processo de construção das perguntas, além do planejamento da entrevista e seleção de colaboradores para a roda de conversa, pode ser encontrado no "Apêndice C – Roteiro da entrevista com Stephanie de Paula".

puramente científico. Esse contato direto com nosso objeto, quer dizer, com a artista, ressaltou informações relevantes e completas diante da sua experiência artística e criativa.

Com a participação da doutoranda em Linguística Brenda Kessia Arruda de Souza (UFC), do Prof. Dr. Gláucio Aranha Barros (NUTES/UFRJ) e da historiadora da arte Paula Cristina Gomes do Amparo (PPGCL/UFRJ - EBA/UFRJ), pretendeu-se chegar a uma roda de conversa que permitisse maior diálogo e ampliação das perguntas pré-elaboradas, já que seguimos um roteiro com intuito de expandi-lo no decorrer das falas. Assim, com essas contribuições externas, a pesquisa evidenciou inúmeras relações, não somente dos sentidos. Tanto a entrevista, apenas com a artista, quanto a roda de conversa com outros pesquisadores, realizadas nos dias 9 e 24 de janeiro de 2023, respectivamente, foram publicadas no canal do YouTube do projeto Oficinas de Sinestesia¹³.

4 CAPÍTULO 1: SINESTESIA COMO CONDIÇÃO E SUA PRESENÇA POÉTICA NA VIDA DE UM ARTISTA

"A sinestesia fala à essência de quem se é. Celebra a singularidade do eu subjetivo."
(CYTOWIC, 2018, p. xiv, tradução nossa).

A sinestesia possui inúmeras teorias, características e causas. Ao apontarmos como fenômeno de origem cerebral, estamos nos aproximando do argumento da sinestesia neurológica desenvolvimental (CYTOWIC, 2018) ou constitutiva (BARON-COHEN, 1996 apud PRESA, 2008)¹⁴. Nesta monografia, damos ênfase à artista sinesteta e às relações estabelecidas de sinestesia em seu caso particular, ou seja, nosso embasamento se dará com base no tipo e origem da condição daquela que a possui. Este capítulo especificará o nosso objeto, pois a artista Stephanie de Paula possui a sinestesia som-cor¹⁵ (DAY, 2016) desenvolvimental desde sua infância.

¹³ O canal foi criado com intuito de divulgação científica e prestação de serviços ao CNPq iniciado no ano de 2021 (<https://www.youtube.com/@oficinasdesinestesia/videos>).

¹⁴ Ela pode ser indicada com outros termos, tais como: "sinestesia constitucional (Grossenbacher, 1997), também conhecida como sinestesia do desenvolvimento (Harrison & Baron-Cohen, 1997), sinestesia idiopática ou sinestesia forte (Martino & Marks, 2001)." (ROGOWSKA, 2011, p. 215, tradução nossa).

¹⁵ "Sound-color", termo em inglês (DAY, 2016).

Identificada na categoria de fenômeno neurológico, a desenvolvimental é específica e a mais relacionada ao termo como condição, porque é dita como hereditária, genética e verídica. Ela nos aproxima da Neurociência justamente devido aos estudos sobre conexões nervosas entre os sentidos. Por ser de nascença, é entendida como a mais forte e "[...] primária, que existe desde o início da vida da pessoa, sem que outro fenômeno a tenha desencadeado" (PRESA, 2008, p. 32).

Considerando esses fatos, ao conhecermos sinestetas no processo da pesquisa de iniciação científica, principalmente na leitura da bibliografia e na elaboração do mapa de sinestetas, faz-se importante entender essa comunidade de artistas. Seus relatos contribuem na construção de uma definição sobre a presença da condição no âmbito artístico, indo além do recurso linguístico. Os artistas que estarão aqui presentes possuem as mesmas características que Stephanie de Paula. Todavia, cada um deles propõe um formato diferente de expor suas visualizações.

Conforme a experiência da artista nova-iorquina Melissa McCracken, outra sinesteta, a condição perpassa a realidade de maneira extraordinária, já que ela pode visualizar as músicas que mais gosta, além das letras, números e os dias do ano com suas respectivas cores. Esses indivíduos passam boa parte de suas vidas com essas experiências sem se dar conta que os demais no entorno não compreendem tal vivência.

Em suas próprias palavras:

Eu acredito que muitas vezes vemos o mundo através de uma lente singular e estreita, permitindo apenas que nossas experiências habituais e empíricas informem nossa perspectiva. Através do meu trabalho, eu espero ampliar essa lente, mesmo que seja no menor grau.

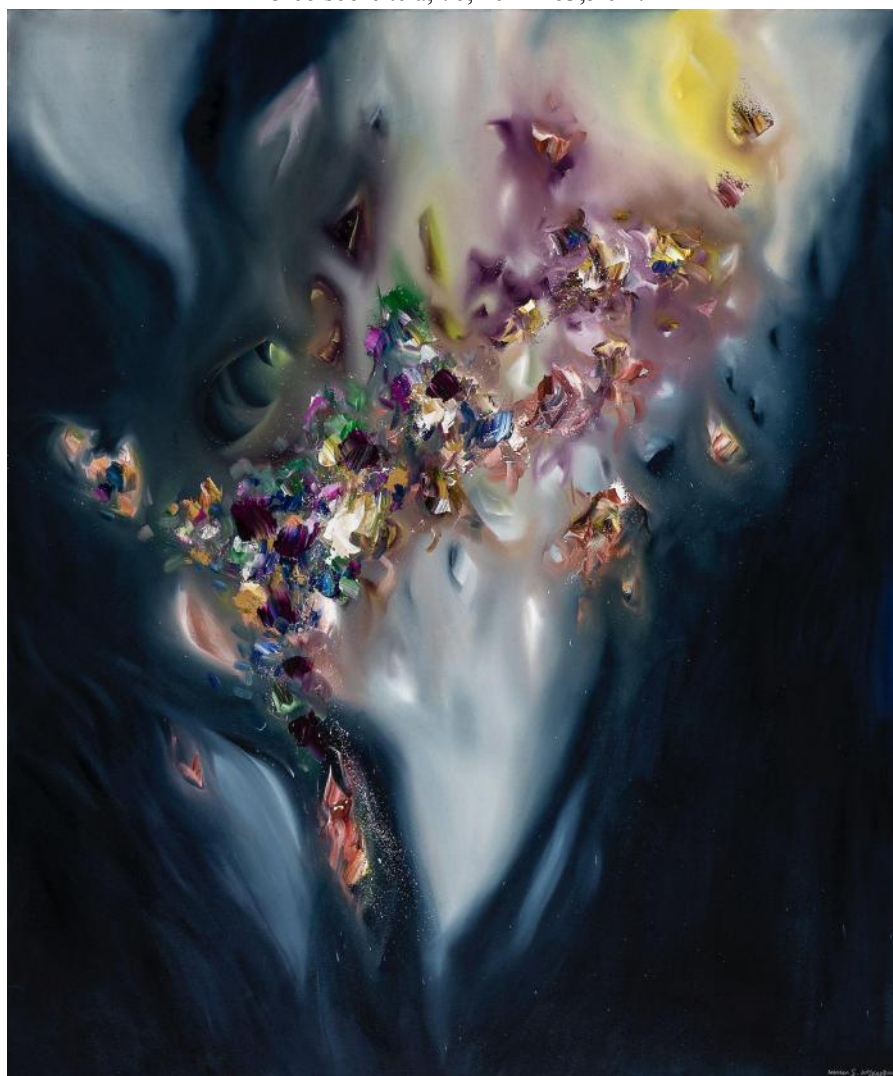
Ao incorporar elementos de sinestesia, eu crio uma visualização da música. Minha esperança é transcender as interpretações tradicionais da experiência e reimaginar o familiar. Com a intenção de parecer evasiva, eu convido o espectador a visualizar o potencial de cada peça em seu próprio sentido, tornando o produto final de consciência coletiva. (MCCRACKEN, 2018, tradução nossa).

Em sua fala acima, ela destaca a unicidade do sinesteta que experimenta o mundo de uma maneira extraordinariamente única. Sean Day relatou que as relações sinestésicas da maioria dos verdadeiros sinestetas respondem internamente e não são transmitidas para o mundo exterior. “[...] Como a verdadeira sinestesia é extremamente individual, ela não se traduz bem - o público não consegue se relacionar com o que você está fazendo” (DAY, 2000, p. 80, tradução nossa). E, ao trazermos exemplos de outros que articulam seus tipos com suas

produções artísticas, temos o interesse de ressaltar que isso não é um movimento solitário. Inúmeras pessoas ao redor do mundo possuem alguma variedade de sinestesia; a questão é como se apropriam disso.

Em suas pinturas, McCracken abusa de cores vivas devido às músicas que retrata, como na obra realizada em 2018 (figura 1).

Figura 1 – Melissa McCracken, What If the Sky and the Stars Are for Show/Pink Matter - Frank Ocean, 2018, Óleo sobre tela, 76,2 cm x 63,5 cm.



Fonte: MELISSA S. MCCRACKEN. Melissa S. McCracken, 2014. Página Song List. Disponível em: <https://www.melissasmccracken.com/song-list>. Acesso em: 1 de novembro de 2022.

Baseado-se na música "Pink Matter" de Frank Ocean¹⁶, Melissa organiza sua visão em maior quantidade de azul-escuro, bem próximo ao preto. Com a predominância de tons mais escuros, a obra vai tornando-se mais soturna com auxílio da guitarra furtiva acompanhada da

¹⁶ Frank Ocean é mais um artista sinesteta. Ele é músico e compila suas emoções coloridas em seus álbuns. "Pink Matter" faz parte do seu álbum de estreia em 2012.

voz suave do cantor norte-americano. As formas vão surgindo ao decorrer da escuta sem um pensamento pré-definido.

Com isso, a sinestesia é algo nítido, vivo, automático, involuntário; e não pode ser aprendido (PRESA, 2008, p. 32). Portanto, "[...] ocorre na primeira infância e parece revelar um estágio de desenvolvimento do cérebro e do processo cognitivo" (ROGOWSKA, 2011, p. 217, tradução nossa) ao longo de toda vida. Para a pesquisadora Aleksandra Rogowska, a condição está enquadrada como ou em neuropatologias, mas também na perspectiva linguística; por isso, existem algumas características que precisam ser consideradas. A sinestesia como condição diz respeito a reações involuntárias serem projetadas ao mundo externo na qual as percepções são duráveis, genéricas, memoráveis e emocionantes¹⁷.

O processo de perceber e identificar possibilita a oportunidade de viver e experimentar os eventos que nos perpassam (LEOTE, 2015, p. 26). Por isso, precisamos entender como essas misturas neurais ocorrem. O cérebro é um órgão muito importante para esse processo, pois a sinestesia não é uma criação imaginativa, mas sim, um resultado perceptivo e, para tanto, precisamos compreender os gatilhos sensoriais proporcionados pelo mundo exterior. Para Rodolfo de Souza:

O cérebro do sinestésico, ao operar suas funções cognitivas superiores, sofre uma espécie de curto-circuito que faz um único estímulo excitar duas interpretações perceptivas amalgamadas. Isso implica que a sinestesia não é um problema meramente neurológico, ainda que, por certo, deva haver um condicionante biológico para que ela ocorra, mesmo porque, não sendo um fenômeno comum, podemos considerar que as estruturas neuronais que condicionam esse fenômeno devam ser de uma natureza rara, uma anomalia, no sentido estatístico. Não obstante há um componente cognitivo fundamental envolvido.

O fenômeno da sinestesia depende das estruturas do cérebro que decodificam os sinais sensoriais. As sensações dependem de uma cadeia complexa de sinais nervosos, processamentos de codificações e de decodificações de sinais neuronais. (SOUZA, 2016, pp. 25-26).

Quando se é bebê, essas correspondências podem ou não se manter ao longo da vida, já que ainda está se desenvolvendo. É um processo normal do crescimento humano. Essas conexões são lentamente desfeitas com os anos, geralmente dando origem/resultando em um adulto quase completamente diferente, em níveis sensoriais, se compararmos com sua infância. (CAMPEN, 2013).

¹⁷ "(1) involuntary and must be elicited; (2) projected, when visual, about a foot or two in front of a synesthete's face; (3) durable; (4) discrete; (5) generic regarding its perceptions; (6) memorable; (7) emotional; and (8) noëtic." (CYTOWIC, 2018, pp. 67-70 apud DAY, 2016, pp. 6-7).

As hipóteses envolvendo poda (eg Baron-Cohen 1996; Maurer 1997) sugerem que a sinestesia pode ser experimentada por todos os recém-nascidos, mas depois é perdida pela maioria das pessoas durante os processos normais de morte celular (apoptose). Os sinestetas, no entanto, podem reter essas vias, total ou parcialmente, como resultado de alguma predisposição genética. Relatos genéticos foram fortalecidos por alegações de que a sinestesia ocorre em famílias, com um aparente viés feminino sugerindo uma possível herança dominante ligada ao X. (Baron-Cohen *et al.* 1996; Smilek *et al.* 2002b). De fato, a extensão desse viés feminino em alguns estudos (eg 6 : 1; Baron-Cohen *et al.* 1996) levou os pesquisadores a sugerir que o traço pode estar associado à letalidade masculina no útero (Bailey and Johnson 1997; Baron-Cohen *et al.* 1996). (SIMNER *et al.*, 2006, p. 1024, tradução nossa).

Inclusive, há outra hipótese de que todos nascemos com sinestesia, a questão está para a constância dessas sensações. Porém, para ser entendida como tal, precisa de um estímulo específico, automático e que haja uma semelhança entre todas as vezes que isso ocorre. (SAFRAN; SANDRA, 2015).

“O fenômeno da sinestesia implica num gatilho involuntário entre dois estímulos: acionado um sistema perceptivo, o outro também é ativado, porque eles estão conectados, de algum modo, numa sensação única que representa uma síntese dos dois estímulos” (SOUZA, 2016, p. 24). Em nosso caso, os sentidos discutidos são a audição e a visão devido à sinestesia som-cor. Essa audição colorida evidencia o trânsito de mensagens visuais com as mensagens sonoras, além da percepção e entendimento sobre o que seria cor e som. Isto é, o ato de capturar e codificar neurologicamente qualquer tipo de frequência sonora em um espectro pessoal de cor é entendido como um tipo de sinestesia.

Com isso, vale citar Jack Coultler, outro pintor que se inspira na sinestesia música-cor para criar.

Figura 2 – Jack Coulter, As Quatro Estações (Vivaldi), 2022, Esmalte e acrílico sobre tela, 61 x 41 cm.



Fonte: SOTHEBY'S. Jack Coulter, 2022. Página The Four Seasons (Vivaldi). Disponível em: https://www.sothebys.com/en/buy/_jack-coulterthe-four-seasons-vivaldi-d813. Acesso em: 1 de novembro de 2022.

Sua arte visceral de ouvir as cores amplia a discussão dos físicos e matemáticos de séculos atrás, quando buscavam corresponder as notas musicais com as cores através dos sentimentos causados. As visualizações são complexas devido à naturalidade das reações da condição, já que, para o sinesteta, essas cores fazem parte do seu dia a dia, sem compreender a situação de um não-sinesteta e vice-versa. Em “As Quatro Estações (Vivaldi)” (figura 2), tal como Melissa McCracken, Coulter trabalha seu abstracionismo com muita expressividade através do compasso musical.

Essa pintura faz parte da exposição "Você não pode mudar a música da sua alma" em cartaz na Sotheby's de Londres durante os últimos meses de 2022. Com base no título, podemos destacar que seu trabalho está sincronizado com as músicas de maneira abstrata e bem performática. Coulter é vibrante em suas pinceladas, transcrevendo o que ouve em cores que saltam os olhos. Propostas como essa reacendem as propostas modernistas do século XX. Mesmo que o estudo teórico tenha diminuindo o ritmo de pesquisa sobre a sinestesia, a arte se manteve dedicada a entender essa evocação de sentidos. Portanto, Jack discute o encontro da sua visão com sua audição como uma arte sinestésica de fato.

Retomando a sinestesia som-cor, também podendo ser chamada de cromestesia, ela indica reações físicas entre cores e sons a partir de um estado físico, emocional e psíquico humano de estímulos no mundo externo. Ao ouvir cores, esse sinesteta possui uma sinestesia que "estritamente falando, [...] não é uma justaposição consciente de duas percepções sensoriais diferentes: as duas percepções coincidem como respostas ao mesmo estímulo." (CHROMESTHESIA, 2021), conforme o dicionário da Associação Americana de Psicologia (em inglês, *American Psychological Association* - APA).

Como estamos expondo casos de artistas, notamos a necessidade de alertar sobre os impactos da sinestesia no campo das artes, já que a mesma se interliga, muitas das vezes, como semântica ou artifício metafórico. "A sinestesia na arte resulta em uma forma de comunicação, em um ambiente de múltiplas opções" (COSTA, 2018, p. 11), e quando se trata de criação, pode ser uma boa aliada na produção. O artista sinesteta dialoga mais ainda com a criatividade, a imaginação e a experimentação em sua poética. Tudo acaba mais intensificado ao ver cores, ao ouvir um som.

Outro caso para embasar esse nosso debate, é a da pintora Sarah Kraning (figura 3). Como vimos anteriormente, muitos empregam termos pejorativos com intuito de inibir ou ignorar as visões e sabores; contudo, a sinestesia não é uma doença negativa e, mesmo que fosse, ações como essas machucam as pessoas e ofendem a ponto de terem vários problemas de saúde mental e insegurança. Sarah, por outro lado, prefere enxergar coisas boas sobre seu tipo. Segundo a descrição de seu *site*, é difícil descrever exatamente o que vê quando escuta as pessoas falando, sirenes, apitos, entre outros. A artista entende que a sinestesia é um dom: ela possibilita criar obras de arte que transbordam símbolos vindos das músicas.

Não existe um número preciso de sinestetas no mundo, logo, é intitulado de condição rara. Parte por falta de recursos, exames e mão de obra qualificada que possam dar um diagnóstico preciso e, parte, por não se achar relevante. A questão é haver uma probabilidade

muito pequena de conhecer outro sinesteta com as mesmas características. Não existem sinestetas iguais. Podem ter o mesmo tipo, mas a sua paleta de cores ou o conjunto de formas, entre outros elementos, são totalmente diferentes. A particularidade está presente na condição, já que a própria depende das relações de cada indivíduo – e somente dele – para existir.

Por isso, a arte sinestésica é o ápice da experiência subjetiva, e relatos como o da Sarah Kraning geram identificação e compreensão de si mesmos por serem práticas rotineiras a eles. Em suas pinturas, temos uma nova concepção da realidade. Para Basbaum (2002), os depoimentos subjetivos dessas experiências, principalmente as de primeira pessoa, são abordagens que expõem a condição e, mesmo sendo um objeto vinculado ao fenomenológico, são importantes como fontes científicas.

Figura 3 – Sarah Kraning pintando.



Fonte: SARAH KRANING, Sarah Kraning Art, 2020. Página inicial. Disponível em: <https://sarahkraning.com/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

Muitos sinestetas estão usando as redes sociais para divulgar sua condição. Sarah Kraning é uma das expoentes de vídeos curtos no TikTok. Ao compartilhar seus cruzamentos com outros, os sinestetas na *internet* contribuem para a visibilidade do assunto. Essa inclusão da sinestesia nas redes gera reflexões e debates para inúmeros campos, tal como psicologia e

antropologia, por exemplo. Esses relatos, como uma espécie de diário pessoal, permitem uma divulgação do tema inovadora, já que dividem suas rotinas e descrevem seus tipos com as novas gerações.

Quando o fenômeno sinestesia dialoga com arte, o mesmo é entendido como uma abordagem que desperta o que se sente e se sugestiva que o outro também sinta, conforme o pesquisador e artista Dr. Hugo Heyrman. O próprio afirma haver diferenças entre a produção artística de um sinesteta que expõe sua sinestesia daquela de um não-sinesteta, que tem o interesse de gerar inter-relações sinestésicas associativas. Isto é,

- 1) Para um sinesteta, a sinestesia é parte integrante de sua percepção sensorial (um sinesteta nato).
- 2) Para um artista, a arte sinestésica é o resultado de uma intenção artística (uma forma de sinestesia feita pelo homem). (HEYRMAN, 2005, n. p., tradução nossa).

Com essas experiências involuntárias e automáticas, nos aproximamos das obras da artista central da monografia. Stephanie de Paula tende a expressar e descrever suas percepções através da arte que tem mais afinidade com seus interesses. Isso não é uma regra. Pode haver arte sinestésica feita com intuito de provocar dois sentidos, como também pode ser sinesteta e não criar uma arte com esse interesse. A mistura de dois sentidos e a realização de propostas artísticas que expõem isso ampliam a discussão sobre a experiência do sinesteta e como o próprio pode reverberar esse seu modo de estar no mundo em objetos artísticos.

Essa proximidade entre sinestesia e arte ocorre nas questões de sensibilização dos sentidos unidos tanto em contato com obras de arte ou durante o processo de criá-las. A arte exercita essas relações consciente e organicamente, a ponto de serem muito complicadas de serem facilmente distinguidas. Se para um não-sinesteta a sinestesia é um recurso metafórico, para um autêntico sinesteta, ela é a própria percepção. Logo, pessoas abertas aos sentidos trabalhando simultaneamente são seres que permitem uma percepção e relação total. São experiências como essas que possibilitam comunicar emoções e pensamentos, seja entre sentidos trocados ou não, permitindo ir além da imaginação.

5 CAPÍTULO 2: A ARTISTA STEPHANIE DE PAULA E SEU PROCESSO CRIATIVO SINESTÉSICO PARA A EXPOSIÇÃO “SINESTESIA” (2019)

5.1 Contexto estético de suas produções

Nascida em 1993 no interior Paraná, mas residente de Brasília desde seus 10 anos, Stephanie Carla Lociks de Paula é *designer*, ilustradora e artista plástica, atuando em editoriais de produto e *design* de moda. Por encomendas de pinturas em aquarela, pinturas digitais e ilustrações, ela produz com viés musical usando a sinestesia. Ou seja, a artista articula a sua mistura de sentidos no âmbito das artes, principalmente no que diz respeito ao processo de criação de um sinesteta.

Ao darmos ênfase aos seus trabalhos, certos aspectos sobressaem, tal como o figurativismo em suas percepções íntimas e sensoriais. Suas pinturas têm como base sua sinestesia, porém, existe uma aproximação com a representação, mesmo que às vezes simplificada. Com base na entrevista, Stephanie de Paula foi destacando que lida com a noção de imagem da figura reconhecível a ela – apenas para ela – já que pinta o que vê; porém, não como cópia fiel da ação que acontece no palco (informação verbal)¹⁸. Essa realidade de emoções internas é externalizada por meio da expressão artística sem a necessidade de que as figuras sejam reconhecidas da mesma maneira para não-sinestetas e outros sinestetas.

Posto isso, o artista sinesteta sugere ter em vista uma discussão com a mimesis, mesmo que seja dúbia essa questão para um não-sinesteta. Mesmo distante da representação fidedigna, ele está representando a realidade do olho sinestésico. Não há relação com os preceitos do realismo e/ou da academia. O sinesteta não captura a realidade exatamente como ela é, pois, o fundo da sala de concerto não era verde e muito menos o violinista era rosa, como no exemplo abaixo. Mesmo que possa parecer, não há este compromisso da imitação do real propriamente dito, e sim a impressão sinesteta, um recorte do que se destaca a partir do olhar/ouvir diferenciado, tal como os impressionistas do século XIX.

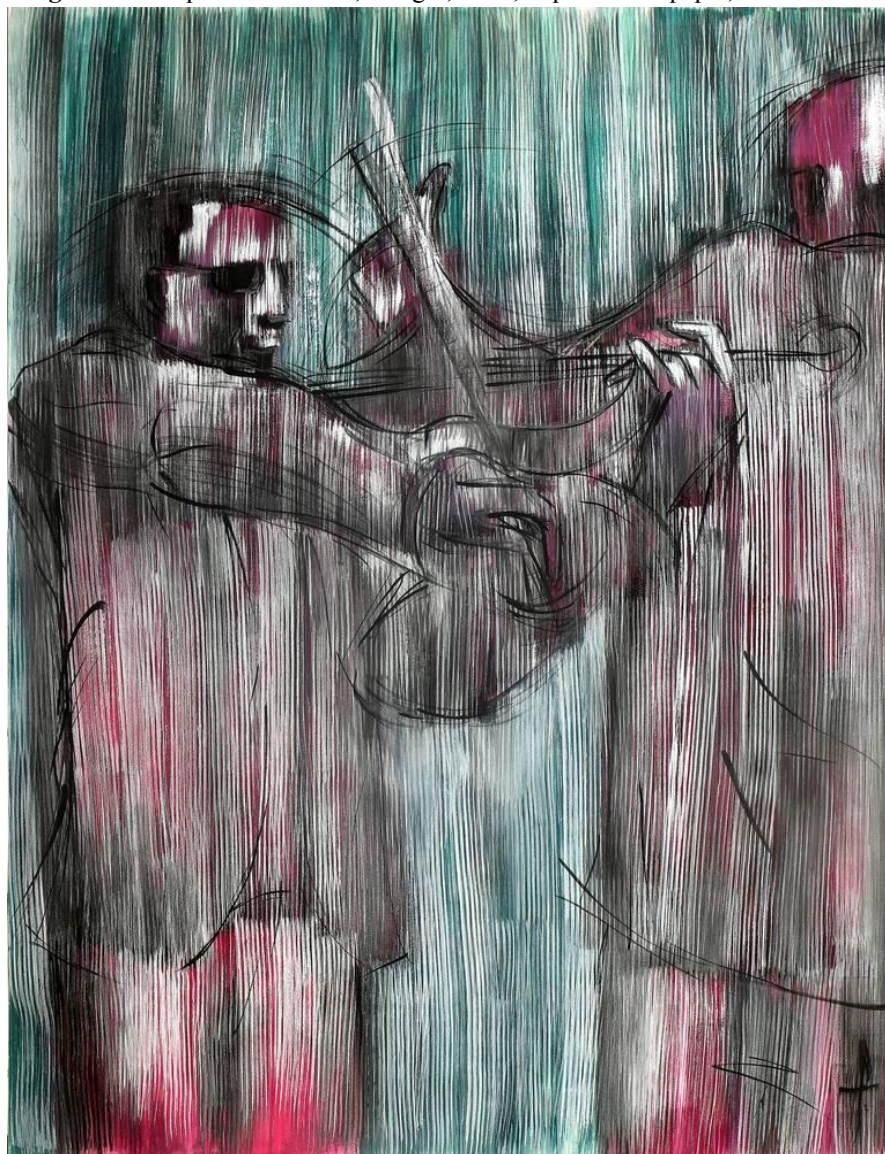
Notamos também a delicadeza da pintura em aquarela. Para Stephanie, a técnica possibilita maior expressividade e suavidade. A cada pincelada aguada, além de propor agilidade devido sua secagem rápida, a artista transborda sua sinestesia a partir da

¹⁸ Fala da artista sinesteta Stephanie de Paula na Entrevista - Stephanie de Paula, parte 1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8BhTIXT1MOQ>. Acesso em: 28 de janeiro de 2023.

transparência e as sobreposições de camadas de cores, remetendo os sons envolvidos na escuta colorida (informação verbal)¹⁹

Investigando a obra “Adagio” (figura 4) podemos mencionar que ela, por meio de linhas simples, tanto na construção dos indivíduos quanto do fundo, expõe a movimentação do violinista mesmo que estático. Stephanie tem o interesse de captar músicos se apresentando e, por se tratar de uma pintura, requer algumas técnicas para gerar este dinamismo. É válido supor a inspiração futurista quando analisamos os fluxos e a sutileza do fragmento do tempo. Não há idealização, apenas a sinestesia genuína.

Figura 4 – Stephanie de Paula, Adagio, 2019, Aquarela em papel, 75 x 100 cm.



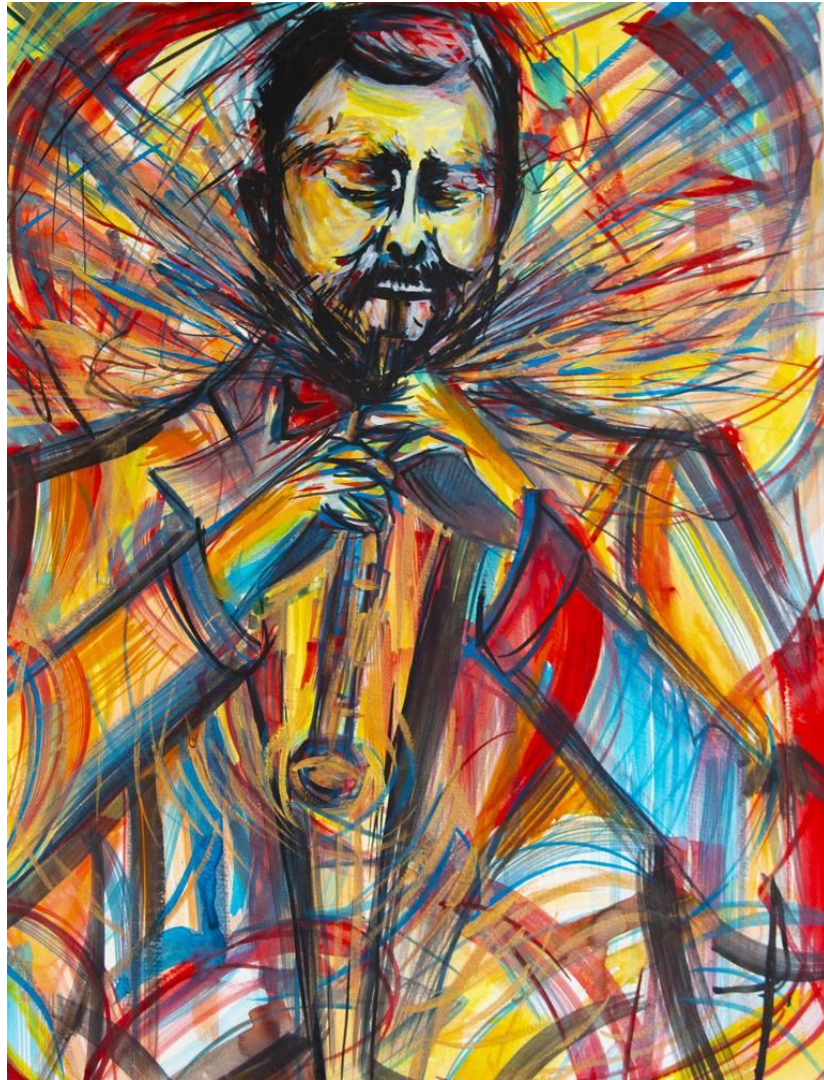
Fonte: DE PAULA, 2019, p. 21.

¹⁹ Fala da artista sinesteta Stephanie de Paula na Entrevista - Stephanie de Paula, parte 1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8BhTIXT1MOQ>. Acesso em: 28 de janeiro de 2023.

Ao retratar e não recriar, Stephanie convida a todos a observarem o que ela vê, sem imaginação, sem hipóteses, apenas sua experiência. Isso pode ser compreendido pelas cores em nosso próximo exemplo (figura 5). Ao usar vermelho, laranja, preto, azul e amarelo, a artista não escolhe as cores, muito pelo contrário, elas surgem aos olhos sem pedir permissão. “Cada sinesteta tem a sua própria paleta de cores e usualmente diferentes tipos de gatilho que provocam a reação sinestésica” (PRESA, 2008, p. 28), e para ela, isso depende das propriedades do som.

A relação sujeito-representação-sinestesia amplia a discussão sobre a percepção. Tendo em vista a pintura abaixo (figura 5), a percepção sinestésica é bem diferente da ação do modelo. O instrumentista não estava coberto de tintas, emitindo cores de seu oboé. Mas ao longo de sua apresentação, as cores foram aparecendo, vinculadas a cada nota tocada. Não existe uma única percepção da realidade. Muito menos um estado físico, emocional e psíquico humano igual ao outro, e é humanamente improvável que a sinestesia ocorra similarmente em dois indivíduos diferentes. Estamos nos referindo ao corpo e as impressões dos sentidos de cada um, e isso não pode ser transferido ou igualado.

Figura 5 – Stephanie de Paula, Strauss Oboé Concerto, 2019, Aquarela em papel, 46 x 60,7 cm.



Fonte: SAATCHI ART. Stephanie de Paula, 2014. Página STRAUSS OBOE CONCERTO Painting. Disponível em: <https://www.saatchiart.com/stephaniedepaula>. Acesso em: 31 de outubro de 2022.

Merleau-Ponty afirmava que nossos corpos, de maneira singular, nos possibilitam ter a percepção do mundo, pois é com ele que nos relacionamos com os objetos ao nosso redor. Com base nas nossas movimentações e interações, nos permitimos sentir. E para ele,

O sensível é aquilo que se apreende com os sentidos, mas nós sabemos agora que este "com" não é simplesmente instrumental, que o aparelho sensorial não é um condutor, que mesmo na periferia a impressão fisiológica se encontra envolvida em relações antes consideradas como centrais.

Mais uma vez a reflexão — mesmo a reflexão segunda da ciência — torna obscuro o que se acreditava claro. Pensamos saber o que é sentir, ver, ouvir, e essas palavras agora representam problemas. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 32).

Por esse motivo, a percepção de um sinesteta é um fato curioso. Mesmo que não haja um padrão de percepção, por que alguns sentem gostos ao verem cores ou cheiros e outras não? E sendo mais específica, por que isso ocorre quando estão em contato com a obra de arte como espectadores ou quando são os criadores?

As cores para a Stephanie são como feixes luminosos, grandes fontes visuais que podemos identificar de maneira abundante em suas pinturas. Durante a roda de conversa, Paula Amparo mencionou a presença da luz na forma de seus raios, lembrando o movimento de Mikhail Larionov (1881-1964), o raionismo (informação verbal)²⁰. Amparo cita que o movimento e luz presentes na obra de Stephanie, indica um ritmo dinâmico de acordo com cada música retratada, análogo ao cubismo e futurismo se fossemos conectar com outros movimentos. Podem ser tanto raios entrecruzados quanto curvos e/ou perpendiculares, a premissa é de colocar a luz-cor-som como protagonista, sendo o objeto a ser representado, já os três são uma coisa só para a artista, como podemos observar na figura abaixo (figura 6).

²⁰ Fala da pesquisadora Paula Amparo na “Entrevista - Stephanie de Paula, parte 2 (roda de conversa)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LnnpUv9Rrac>. Acesso em: 28 de janeiro de 2023.

Figura 6 – Stephanie de Paula, Tuba Concerto por Vaughan Williams, 2019, Aquarela em papel, 29,7 x 42 cm.



Fonte: SAATCHI ART. Stephanie de Paula, 2014. Página TUBA CONCERTO (VAUGHAN WILLIAMS) Painting. Disponível em: <https://www.saatchiart.com/stephaniedepaula>. Acesso em: 28 de janeiro de 2023.

A audição colorida de Stephanie de Paula inclui cores, linhas e parábolas em sua vista, contudo, ela não perde a noção de realidade, ela consegue separar o que é da sinestesia e o que vem do mundo real. Segundo o professor da Universidade de Wisconsin-Madison, Edward M. Hubbard, esse tipo de sinestesia “[...] envolve ligações que são verdadeiramente transmodais e são frequentemente consideradas exemplos paradigmáticos de sinestesia [...]” (HUBBARD, 2007, p. 3, tradução nossa).

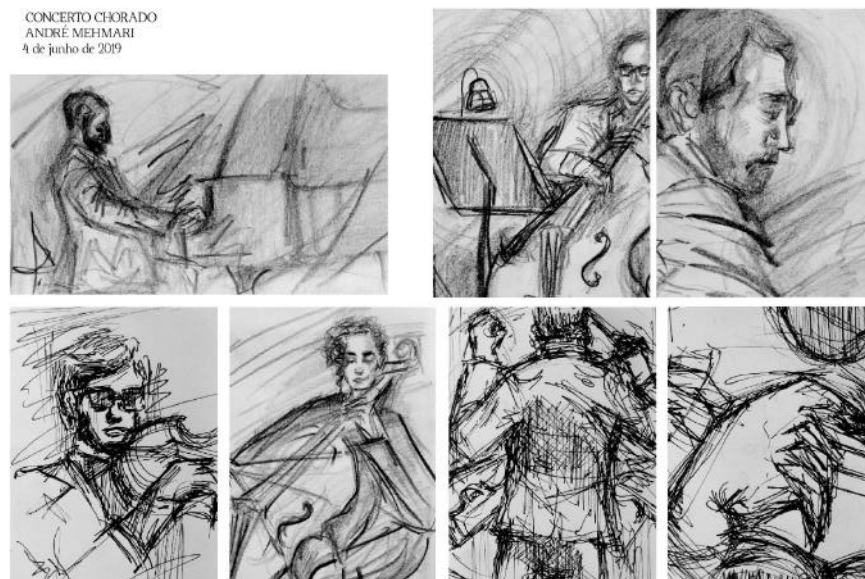
A correlação sinestésica entre cores/sons para cada indivíduo é, na maioria das vezes, diferente, cada um tem a sua. Ao mesmo tempo que, das convergências, partiram várias ideias e pensamentos, como quando fica claro a analogia física entre as cores e os sons: que ambos são produtos de vibrações, estimulam nossos órgãos sensoriais e por consequência, o sistema nervoso. (OROZCO, 2015, p. 63).

Outro detalhe acerca da representação de suas visões coloridas é que Stephanie tem experiência de desenho como autodidata, além de sua formação em Moda, e isso pode ser notado em suas produções. O *designer* de moda confecciona roupas, acessórios, figurinos e outros elementos da fabricação têxtil. Para tanto, precisa ser habilitado em desenho, principalmente no que diz respeito ao desenho técnico de moda. Chamados de *croquis*, eles desempenham uma função representacional plana, bidimensional e objetiva, além de artística.

Formada pelo Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB), Stephanie entende o *design* seguindo uma função dedicada ao outro. Já quando pinta, ela não se preocupa com isso, apenas com a verdade sinestésica dela.

Pode-se observar a técnica nos esboços abaixo.

Figura 7 – Stephanie de Paula, Concerto Chorado. André Mehmari (estudos), 2019, Grafite, Dimensões variadas.



Fonte: DE PAULA, 2019, p. 16.

Acima temos uma série de desenhos com o maestro, o pianista, dois violoncelistas e um violinista (figura 7). Stephanie representa o movimento por linhas que indicam o vai-e-vem. Nota-se a espontaneidade do processo criativo usando a sensação de velocidade, como se fosse sua caligrafia, a sinesteta deixa em seus traços a sensação presente em seu ver. Suas figuras não possuem contornos nítidos, nada muito definido, tal como seus *croquis* (figura 8), o elemento principal são as cores.

Figura 8 – Desfile da marca Guilda no Brasília Trends – Design Fashion Week (esboços e fotografia das roupas), 2018.



Fonte: DE PAULA, 2019, pp. 6-8.

Em seus desenhos de moda, a artista demonstra diferentes visões e ângulos bem detalhados, tal como em seus estudos de pintura. Mesmo que haja uma subjetividade e presença das suas vontades, seus desenhos são fiéis à realidade, como se estivessem provando que sua audição é colorida e, portanto, indissociável de sua visão.

A percepção dada pelo fenômeno possibilita emoções e sensações sinestésicas que se conectam também com os anseios de produção e os interesses de expressar suas visões musicadas, no caso da artista em questão. Conforme Sérgio Basbaum, “a ideia de sinestesia

nos leva a refletir de maneira particular sobre a percepção” (BASBAUM, 2002, p. 50). Mas o tipo de sinestesia que a pessoa possui não é o principal motor de desenvolvimento, já que para ser um artista, há inúmeras estratégias criativas e práticas. Sobretudo, a obra de arte torna-se um relato de experiência.

5.2 Processo criativo de suas pinturas sinestésicas

O processo criativo sinestésico pode afirmar os encontros entre as artes a partir de uma abordagem interdisciplinar. Podemos dizer que é o somatório de vivências no campo sensorial que se transmutam para o campo estético. Como citamos ao longo do capítulo anterior, os artistas não se limitam a condição; porém, ela faz parte da construção poética, já que é involuntária.

Em seu livro “Criatividade e Processos de Criação”, Fayga Ostrower argumentou sobre a criatividade e a sensibilidade inerente à nossa existência. Por isso, quando destacamos a sinestesia de um artista em nosso texto, não estamos dizendo que ele é criativo devido a sua condição, porém, é um potencial fator de sensibilidade. Nas palavras da artista plástica e autora, é uma experiência vital no contexto cultural que esse ser criativo vive. (OSTROWER, 2004).

[...] a criatividade é a essencialidade do humano no homem. Ao exercer o seu potencial criador, trabalhando, criando em todos os âmbitos do seu fazer, o homem configura a sua vida e lhe dá um sentido.
Criar é tão difícil ou tão fácil como viver. E é do mesmo modo necessário.
(OSTROWER, 2004, p. 166).

Essa questão será melhor exemplificada ao acompanharmos os bastidores da Stephanie de Paula. Ao ouvir qualquer tipo de som, cores surgem inevitavelmente.

Figura 9 – *Frame* do vídeo da Stephanie de Paula pintando.



Fonte: DE PAULA, Stephanie. (Aumenta o som!) UNSQUARE "PAINTING" DANCE! Dave Brubeck inspirando meu sábado!. Brasília, 13 de março de 2021. Instagram: @st.depaula. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CMX0xaohBOo/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 1 de dezembro de 2022.

Na imagem acima (figura 9), podemos notar a descontração no momento de criação. A artista em suas redes sociais vem explorando a sua imagem e aproveitando o engajamento para gravar a si mesma pintando. Neste vídeo não poderia ser diferente: Stephanie se encontra em uma sala, com a tela à sua frente, e com os pincéis ela simula batucques no ritmo da música que acompanha o seu processo. Sua prática consiste a partir do contato sonoro, seja em casa ou em apresentações, como podemos observar na fotografia abaixo (figura 10).

Figura 10 – Stephanie de Paula desenhando durante o concerto.



Fonte: Arquivo pessoal, Stephanie de Paula, 2019.

A produção de Stephanie estudada nesta monografia é oriunda de concertos realizados ao longo de um ano. Em todas as pinturas realizadas podemos notar sua entrega ao acaso do momento. A partir de sua imersão na escuridão para apenas focar-se no som podemos ver obras devotas à sonoridade. As cores presentes não são correspondentes a frequência das notas, mas sim a afinação de sua sensibilidade, sua sinestesia.

Queremos, antes de tudo, precisar a palavra *sensibilidade*, definindo-a no sentido em que aqui a usamos. Baseada numa disposição elementar, num permanente estado de excitabilidade sensorial, a sensibilidade é uma porta de entrada das sensações. Representa uma abertura constante ao mundo e nos liga de modo imediato ao acontecer em torno de nós. [...]

[...]

Uma grande parte da sensibilidade, a maior parte talvez, incluindo as sensações internas, permanece vinculada ao inconsciente. A ela pertencem às reações

involuntárias do nosso organismo, bem como todas as formas de auto-regulagem. Uma outra parte, porém, também participando do sensório, chega ao nosso consciente. Ela chega de modo articulado, isto é, chega em formas organizadas. É a nossa percepção. Abrange o ser intelectual, pois a percepção é a elaboração mental das sensações.

[...] Articula o mundo que nos atinge, o mundo que chegamos a conhecer e dentro do qual nós nos conhecemos. Articula o nosso ser dentro do não-ser. (OSTROWER, 2004, p. 12-13).

Figura 11 – Stephanie de Paula, Scheherazade, 2019, Aquarela em papel, 100 x 160 cm.



Fonte: DE PAULA, 2019, p. 23.

Tomemos como exemplo sua obra Scheherazade (figura 11) oriunda da suíte de Nikolai Rimsky-Korsakov (1844-1908) baseada nos contos orientais populares de As Mil e Uma Noites. Nesta pintura há alguns instrumentistas, onde há uma cor para cada um. Isso porque cada som emite uma cor diferente, como se tivesse uma aura azul e outra amarela invadindo o palco. O ambiente pintado mais se assemelha a uma atmosfera esfumada onde o som vai ganhando cor a partir deste rastro gasoso.

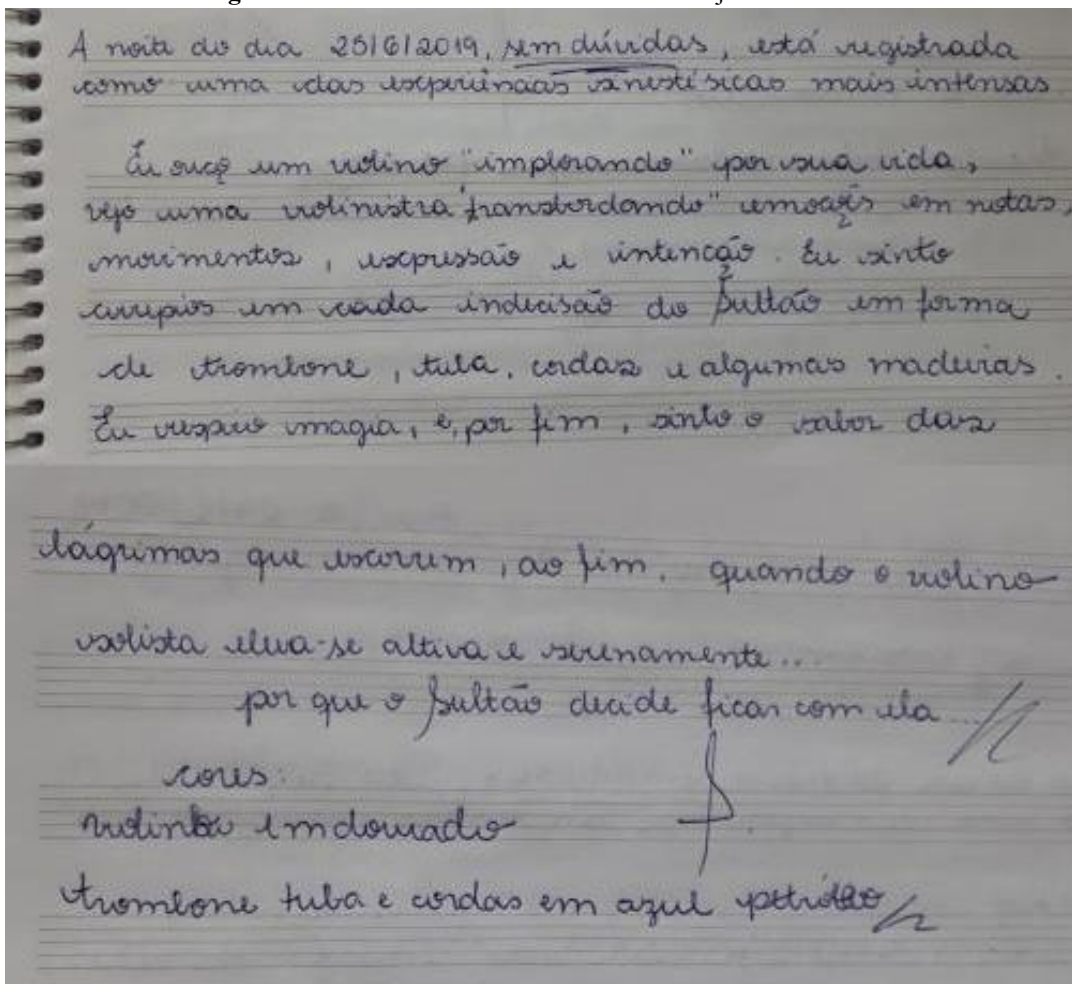
A maneira didática pela qual Stephanie visa compartilhar sua percepção é por meio de suas produções visuais. Geralmente, através desses relatos que esses sinestetas entendem que fazem parte de uma comunidade de pessoas com uma condição rara, mas só isso que possuem em comum, pois não existem sinestetas iguais. Cada um apresenta uma conexão essencialmente única, mesmo que existam várias pessoas com o mesmo tipo, a visão/audição

e a identificação de uma cor diferirá, em geral, mesmo se dois sinestetas ouvirem o mesmo som.

Para tanto, visamos refletir sobre a importância de seus escritos, pois assim analisamos o seu modo de ser, sentir e fazer arte. Os vestígios de suas visões são anotados tanto por meio de palavras quanto rascunhos em blocos de notas, cadernos de pautas musicais ou folhas soltas. Suas observações são transformadas em esboços para produções futuras. Com o apoio do livro/diário de artista, temos em primeira pessoa sua arte sinestésica.

Abaixo, podemos ler as anotações escritas para a obra citada anteriormente.

Figura 12 – Trecho do diário Sinestesia - 29 de junho de 2019.



Fonte: Arquivo pessoal, Stephanie de Paula, 2019.

Essa captura registra qualquer tipo de sensação que Stephanie tenha sentido. Seu diário é o acúmulo de suas ideias, podemos acompanhar seu percurso imersivo durante suas

descrições. Ao escrever na pauta musical, a artista metaforicamente traduz em aspectos visuais, foi facilmente transportado para o quadro de Scheherazade (figura 11).

Ao gravar na folha suas ideias, aceitando seus pensamentos embrionários, o diário é entendido como uma etapa de documentação do desenvolvimento poético.

Com esse método o artista constrói para si um campo imaginário e de pesquisa, rememora seus percalços e acertos, suas descobertas e observa o crescimento do conhecimento visual, prático e teórico. Fica ali o registro da atmosfera poética sempre em formação e, impulsionado pela busca constante, prossegue por fronteiras indefinidas, se redirecionando constantemente. Produz, assim, um saber em movimento, reflexivo sobre o próprio trabalho e interessado por manter a pesquisa viva, como parte imprescindível do fazer artístico. (WERNECK; BOSSOLAN, 2020, pp. 29-30).

Para a historiadora da arte Greta Berman, a condição não pode ser algo passivo, e isso pode ser percebido pelas obras de Stephanie de Paula. Os sinestetas falam seus próprios idiomas e “[...] os artistas sinestésicos frequentemente empregam um conjunto de formas que compõem um vocabulário caligráfico sinestésico distinto.” (BERMAN, 2019, n. p., tradução nossa). Portanto, temos a sinestesia comprovada e descrita pela própria, e isso pôde ser entendido neste tópico.

5.3 Exposição "Sinestesia" (2019)

Iniciamos este tópico com a fotografia da artista e o cartaz de divulgação (figura 13) de sua exposição individual intitulada Sinestesia. Stephanie de Paula está à frente de seus grandes companheiros de trabalho, os compositores de música clássica que ela tanto ouviu em seu processo de criação. Juntamente de Maurice Ravel (1875-1937), Beethoven (1770-1827), Mozart (1756-1791) e entre outros, a exposição ocorreu no Cine Brasília no ano de 2019 em parceria com a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro²¹, além da noite de *vernissage* na 475 Galeria.

²¹ O Cine Brasília foi criado na programação de inauguração do Distrito Federal em 1960. Sendo um espaço cultural, ele abarca as mais diversas produções tanto cinematográficas quanto de exposições visuais, por exemplo. A Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional de Brasília, que posteriormente recebeu em homenagem o nome do falecido maestro, Cláudio Santoro, foi fundada em 1979 pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal.

Figura 13 – A artista Stephanie de Paula com o painel da exposição "Sinestesia"

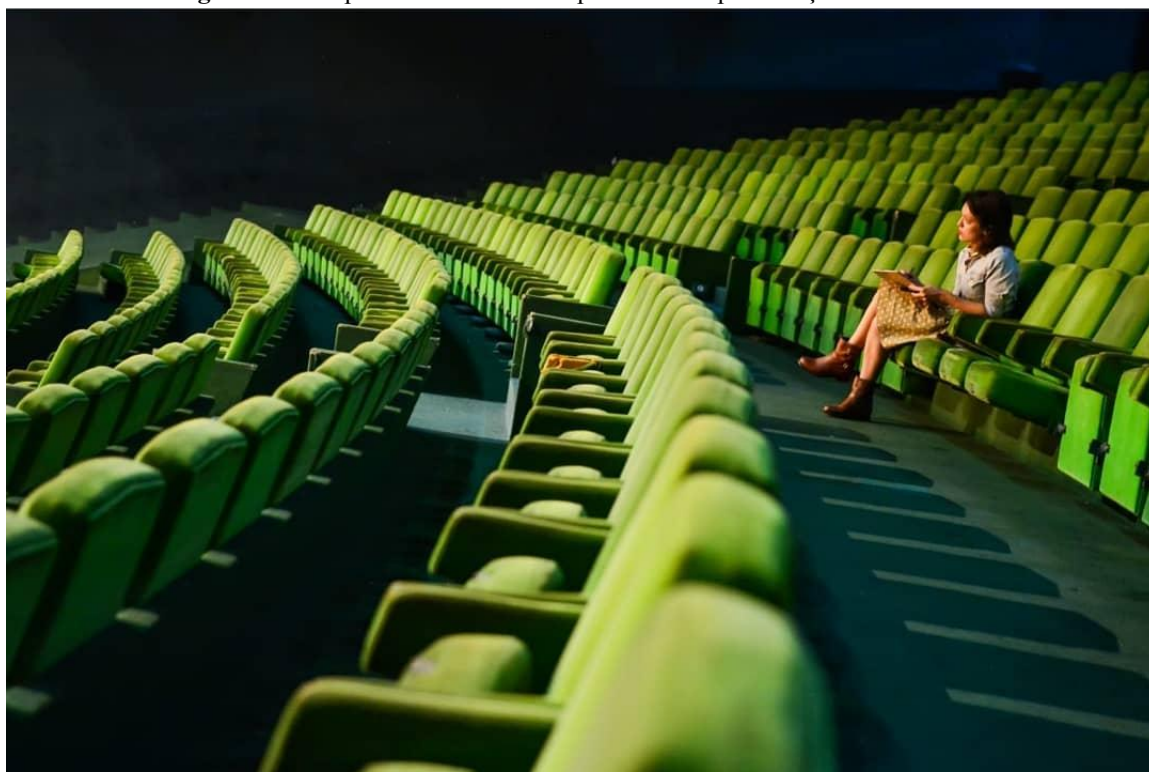


Fonte: Arquivo pessoal, Stephanie de Paula, 2019.

A exposição é resultado do acompanhamento da Stephanie com a OSTNCS ao longo de um ano, já que a própria também atuou como *designer* gráfica e ilustradora das artes gráficas. A Orquestra tem relevância em nosso trabalho ao ser a partir de seus concertos que Stephanie pôde realizar as pinturas que estão sendo estudadas nesta monografia. E como boa amante de música clássica, tornou-se uma frequentadora assídua das apresentações desde que se mudou para Brasília quando criança.

No subtópico anterior argumentamos sobre seu processo de criação, e um ótimo exemplo disso é o registro da figura 14: Stephanie assistindo ensaios e apresentações da Orquestra com seu bloco de anotações. Para ela, esse acompanhamento possibilitou conhecer suas paixões mais de perto, sendo o desenho e a música, e também desbravar suas percepções. Ousado e intenso, seu projeto Sinestesia potencializou a prática artística total e a singularidade da pauta sensorial na música clássica.

Figura 14 – Stephanie de Paula acompanhando a apresentação da OSTNCS.



Fonte: Arquivo pessoal, Stephanie de Paula, 2019.

Segundo a artista, durante as entrevistas realizadas para esta monografia, ela contou que para criar as pinturas presentes na mostra, realizou os esboços em uma área escura e afastada do resto do público para que pudesse se concentrar plenamente nas apresentações. Seus registros eram feitos de maneira rápida e prática para que pudesse aprimorá-los quando passasse para tela, já trabalhando as cores anotadas no momento de imersão ao ouvir/ver os concertos (informação verbal).²²

Totalizando 150 *croquis* feitos ao vivo durante os concertos, 14 pinturas e lenços com estampas criadas a partir das apresentações, a artista teve a intenção de expor suas traduções em arte. Ocupando o *foyer* do Cine Brasília (figuras 15 e 16), a exposição aconteceu neste espaço devido ao fato de que na época era a residência da Orquestra. No período de 8 a 31 de outubro de 2019, o conceito da exposição foi pensado como um projeto de vida, onde pudéssemos entender suas escolhas pessoais e afetivas com a Orquestra e sua condição. Algumas dessas obras já foram estudadas ao longo deste capítulo, já destacamos seus traços em linhas verticais, cores vibrantes e inúmeras camadas de desenvolvimento devido à intensidade vivida pela artista.

²² Fala da artista sinesteta Stephanie de Paula na Entrevista - Stephanie de Paula, parte 1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8BhTIXT1MOQ>. Acesso em: 28 de janeiro de 2023.

Stephanie de Paula e "Sinestesia" resultaram em uma maior notoriedade a respeito do assunto quando são analisadas os fatores vinculados ao seu gênero, a sua nacionalidade e sua temporalidade. A exposição celebrou não só uma condição neurológica rara, mas a possibilidade de reunir trabalhos que evidenciam o âmago da singularidade do indivíduo artístico. Stephanie atuou com seus próprios recursos financeiros tanto como artista quanto curadora e produtora. A pesquisa realizada pela artista promoveu o autoconhecimento de suas inquietudes e visões, geralmente, incomuns. O projeto pontuado confirma a ideia da curadoria como prática artística, já que ao propor uma exposição sobre suas próprias artes, a artista refletiu tanto sobre os processos de concepção e realização da mostra quanto suas escolhas de obras

Figura 15 – Visão interna da exposição "Sinestesia" no *foyer* do Cine Brasília.



Fonte: Arquivo pessoal, Stephanie de Paula, 2019.

Figura 16 – Visão externa da exposição "Sinestesia" no *foyer* do Cine Brasília.



Fonte: Arquivo pessoal, Stephanie de Paula, 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo se destaca como uma importante ferramenta na elucidação das artes. A produção artística se fundamenta na sensibilidade, uma reação tanto física quanto emocional. Audição, olfato, paladar, tato e visão fazem parte desta discussão, pois são aguçados ao longo da experiência humana diante de ações externas devido às estruturas nervosas complexas. Em nossa pesquisa, nos concentramos na audição e visão por motivos de recorte. Contudo, vale ressaltar que todos são grandes potenciadores de vínculo através de mensagens oriundas de impulsos nervosos.

Michel Serres já apontava em sua obra “Os Cinco Sentidos” que o corpo está para os cinco sentidos. Ao comparar com o processo da tapeçaria, o autor destacou que eles “[...] se entrelaçam, se amarram, sobre e sob a tela que formam com tecelagem ou nós, tranças,

bolotas, passagens, desníveis, voltas e contornos, corrente ou dormente” (SERRES, 2001, p. 55). E, se trouxermos a sinestesia para o diálogo, podemos deixar mais evidente esse contato, já que a mesma indica essa possibilidade, tanto por vias neurológicas quanto por associações linguísticas.

A sensibilização dos sentidos, como olhos e ouvidos, ou outras combinações, é um objeto de estudo atrativo para a História da Arte. De Pitágoras e Aristóteles na Grécia Antiga, a poesia francesa *fin-de-siècle* e o espiritualismo colorido de Vassily Kandinsky (1866–1944) no modernismo, por exemplo. Em nossa concepção, a sinestesia pode ser um ponto que pode facilitar o estudo dessas conexões. Segundo a pesquisadora Greta Berman, “muitos historiadores da arte que escreveram sobre as inter-relações entre música e arte se apropriaram do termo ‘sinestesia’ como um rótulo para essas conexões.” (BERMAN, 1999, p. 15, tradução nossa).

E, complementando com as palavras do pesquisador holandês Cretien van Campen, ele destaca que a experimentação artística de um sinesteta não é apenas historicamente interessante, mas sim um ponto muito importante para entendermos suas ligações. (CAMPEN, 1977, p. 6, tradução nossa). Isto é, não se entende como uma informação adjacente, mas sim um fator crucial para a pesquisa da sinestesia atual, já que podemos classificá-la de inúmeras formas: pseudo, psicoativo, artística-metafórica, e entre outros que se opõem a forma da sinestesia perceptiva neural.

Com esta monografia ressaltamos que a sinestesia pode ser uma categoria do campo, já que pode ser trazida pelo público, pelo artista e/ou pelos ideais dos movimentos artísticos. Ao pesquisar sobre o assunto ampliamos os horizontes diante da experiência estética e sensorial na arte. E, ao priorizarmos Stephanie de Paula como estudo de caso, visamos demonstrar seus auto relatos sinestésicos, tanto seus escritos quanto suas obras, como os processos artísticos se interligam facilmente com suas experiências pessoais e neurais.

Levantamos algumas hipóteses, dentro de muitas existentes; tivemos em vista refletir sobre as questões do processo artístico sinestésico a partir do olhar do artista com a condição neurológica desde nascença. Ser sinesteta é ter múltiplas sensações que não se comparam com uma reação típica de um não-sinesteta, e muito menos se igualar a outro. A sinestesia nos inclina a pensar em motivos plurais, seja nos sentidos envolvidos ou até mesmo nas ações neurais para que a mesma exista. Observou-se que através de sua vasta produção de arte, que

varia entre desenhos, pinturas e estampa, ela explorou suas experiências sensoriais numa espécie de canalização em cada uma de suas produções, resultando em trabalhos extremamente emotivos.

No âmbito da pesquisa qualitativa, partimos da experiência pessoal de Stephanie para uma escala um pouco maior, a experiência complexa da sinestesia. Ressaltamos o envolvimento presente entre o indivíduo e o mundo sensível, e ao analisarmos este fenômeno, consideramos seus significados. Por isso, a entrevista. Ao idealizarmos uma entrevista e posteriormente uma roda de conversa com outros pesquisadores da área, tivemos um contato direto com a fonte - isto é, a artista. Nosso processo, além de evidenciar o fenômeno comentado ao longo do texto, se pautou na aproximação, observação e, principalmente, na percepção. Com respeito e confiança, a relação entre pesquisadora e artista se manteve muito acolhedora e prestativa entre ambos durante todo o andamento da pesquisa. Assim, propusemos uma História da Arte por artistas sinestetas com base nos seus registros documentais tanto textuais quanto artísticos.

A comunidade de artistas sinestetas tem propostas bem plurais em suas produções. Com as pinturas citadas ao longo da monografia, vimos que estes indivíduos, quando ficam cientes do seu “ouvir”, exploram os mecanismos neurais de suas respectivas sinestésias com a finalidade de se compreenderem. O intuito de externalizá-las justifica-se devido à intensidade e o impacto que essas correspondências acontecem. Isso não fica restrito a artistas, qualquer um pode ser um sinesteta, contudo, neste trabalho, evidenciamos este público. Por ser um assunto complexo, muitas teorias surgiram propondo explicações, todas referentes à possibilidade de misturar os sentidos, embora distintas sobre como essa fusão ocorre, podemos encontrar relações entre si.

Os sentidos comunicam-se entre si, segundo Merleau-Ponty (1999, p. 308), e durante a entrevista realizada com Stephanie de Paula, pudemos notar isso. Ao estudarmos a sinestesia do ponto de vista da História da Arte, ou melhor, do ângulo das obras de arte de Stephanie, percebe-se que ela não está sozinha dentro dessa abordagem, e que há mais artistas dentro desse cenário em particular. Desse modo, refletimos teoricamente o tema proposto, destacando o fenômeno artístico no âmbito da História da Arte e/ou da Teoria e Crítica da Arte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BASBAUM, Sérgio Roclaw. **Sinestesia, arte e tecnologia: fundamentos da cromossonia**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

BERMAN, Greta. Considerations on Genuine Synesthesia in Art and Music. **Acta Litt&Arts**, Iris 39 / 2019, TOPIQUES - Synesthésies visuelles et visions entoptiques (sous la direction d'Hervé-Pierre LAMBERT). Disponível em: <http://ouvroir-litt-arts.univ-grenoble-alpes.fr/revues/actalittarts/546-considerations-on-genuine-synesthesia-in-art-and-music>. Acesso em: 29 de janeiro de 2023.

BERMAN, Greta. Synesthesia and the Arts. In: **LEONARDO**, MIT Press, Vol. 32, No. 1, pp. 15-22, 1999.

CAMPEN, Cretien van. Synesthesia and Artistic Experimentation. **Psyche: An Interdisciplinary Journal of Research on Consciousness**, 3(6), 1997.

CAMPEN, Cretien van. The Discovery of Synesthesia in Childhood. In: Nicolaus Copernicus University, **Theoria et Historia Scientiarum**, pp. 195-206, 2013.

CHROMESTHESIA. DICTIONARY American Psychological Association. United States of America. Disponível em: <https://dictionary.apa.org/chromesthesia>. Acesso em: 27 de dezembro de 2021.

COSTA, Fernando. **Sinestesia**: correspondências entre cor e som. Trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais da Universidade de Caxias do Sul (UCS), 2018.

CYTOWIC, Richard E. Synesthesia: Phenomenology and neuropsychology: A review of current knowledge. In: **Psyche: An Interdisciplinary Journal of Research on Consciousness**, 2(10), 1995.

DE PAULA, Stephanie. **(Aumenta o som!) UNSQUARE "PAINTING" DANCE! Dave Brubeck inspirando meu sábado!**. Brasília, 13 de março de 2021. Instagram: @st.depaula. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CMX0xaohBOo/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 1 de dezembro de 2022.

DE PAULA, Stephanie. **Sinestesia**. 2019. (catálogo de exposição).

DE PAULA. **Estamparia e Artes Plásticas**. 2019. (catálogo de moda).

DAY, Sean A.. **Synesthesia**. Cambridge, Massachusetts/London, England: MIT Press, The MIT Press Essential Knowledge series, 2018.

DAY, Sean A.. **Synesthetes: a handbook**. Amazon: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2016.

DAY, Sean A.. A Comparison of True-Synesthete and Pseudo-Synesthete Composers. In: GALEYEV, Bulat M. (ed.). **ПРОМЕТЕЙ – 2000: О СУДЬБЕ СВЕТОМУЗЫКИ НА РУБЕЖЕ ВЕКОВ (Prometheus - 2000: On the Destiny of Light-Music at the Border of Centuries)**. Kazan: Izdatel'stvo Fen, 2000, p. 77-80.

ENTREVISTA - Stephanie de Paula, parte 1. 1 vídeo (1h36min53s). Publicado pelo canal Oficinas de Sinestesia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8BhTIXT1MOQ>. Acesso em: 28 de janeiro de 2023.

ENTREVISTA - Stephanie de Paula, parte 2 (RODA DE CONVERSA). 1 vídeo (1h11min39s). Publicado pelo canal Oficinas de Sinestesia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LnpUv9Rrac>. Acesso em: 28 de janeiro de 2023.

RITA, Martina; FORESTA, Maria. Synaesthesia: A Richer Experience of Reality. An Overlook at the Neuroaesthetics Study of Synaesthesia and its Implications in Art. [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: http://www.neurohumanitiestudies.eu/wp-content/uploads/2013/03/Synaesthesia_Foresta.pdf. Acesso em: 27 de dezembro 2022.

HEYRMAN, Hugo. **Art and Synesthesia**: in search of the synesthetic experience. Palestra apresentada no I International Conference on Art and Synesthesia na Universidad de Almería, Espanha, 2005. Disponível em: <http://www.doctorhugo.org/synaesthesia/art/>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.

HIPPERTT, Rebeca Torrezani Martins. **Ouwer: a relação entre o som e a cor na percepção.** Dissertação de mestrado em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

LEOTE, Rosangella da Silva. **ArteCiênciaArte.** São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2015.

MELISSA S. MCCRACKEN. Melissa S. McCracken, 2014. Página Song List. Disponível em: <https://www.melissasmccracken.com/song-list>. Acesso em: 1 de novembro de 2022.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação.** Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

PRESA, Carla Patrícia Magalhães. **Sinestesia na Arte.** Dissertação de mestrado em Design Multimídia da Universidade da Beira Interior (UBI), Covilhã, Portugal, 2008.

RAMACHANDRAN, Vilayanur Subramanian; HUBBARD, Edward Michael. Synaesthesia - A Window Into Perception, Thought and Language. In: **Journal of Consciousness Studies**, 8, No. 12, pp. 3-34, 2001.

ROGOWSKA, Aleksandra. Categorization of Synaesthesia. In: **Review of General Psychology**, Vol. 15, No. 3, pp. 213-227, 2011.

SAATCHI ART. Stephanie de Paula, 2014. Página inicial. Disponível em: <https://www.saatchiart.com/stephaniedepaula>. Acesso em: 31 de outubro de 2022.

SAATCHI ART. Stephanie de Paula, 2014. Página STRAUSS OBOE CONCERTO Painting. Disponível em: <https://www.saatchiart.com/stephaniedepaula>. Acesso em: 31 de outubro de 2022.

SAATCHI ART. Stephanie de Paula, 2014. Página TUBA CONCERTO (VAUGHAN WILLIAMS) Painting. Disponível em: <https://www.saatchiart.com/stephaniedepaula>. Acesso em: 28 de janeiro de 2023.

SAFRAN, Avinoam B.; SANDRA, Nicolae. Color synesthesia. Insight into perception, emotion, and consciousness. In: **Current Opinion Neurology**, 28 (1): pp. 36-44, 2015.

SARAH KRANING, Sarah Kraning Art, 2020. Página inicial. Disponível em: <https://sarahkraning.com/>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

SEAN A. DAY. Synesthesia, 2022. Disponível em: <http://www.daysyn.com/index.html>. Acesso em: 30 de dezembro de 2022.

SIMNER, Julia et. al. Synaesthesia: The prevalence of atypical cross-modal experiences. **Perception**, 35 (8). pp. 1024-1033, 2006.

SOTHEBY'S. Jack Coulter, 2022. Página The Four Seasons (Vivaldi). Disponível em: <https://www.sothebys.com/en/buy/jack-coulterthe-four-seasons-vivaldi-d813>. Acesso em: 1 de novembro de 2022.

VER Sons. 1 vídeo (10min12s). Publicado no Vimeo. Disponível em: <https://vimeo.com/805490636>. Acesso em: 7 de março de 2023.

WERNECK, Martha; BOSSOLAN, Lício. Um campo para a criação: o desenvolvimento poético através do diário de pesquisa do pintor em formação. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 6, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/18406>. Acesso em: 22 de dezembro de 2022.

APÊNDICES

Apêndice A – Quadro 1

LISTA DE TEXTOS SOBRE SINESTESIA COLETADOS DESDE A INICIAÇÃO CIENTÍFICA (2019-2021) ATÉ O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2022)

PESQUISA	TÍTULO	AUTOR	TIPO	REPOSITÓRIO	IDIOMA	ANO
PIBIC	Chapter 5: Synesthesia and Intersense Modalities	MERRIAM, Alan	capítulo de livro	Faculdade de Musica/UNAM	inglês	1964
PIBIC	Multissensorialidade e sinestesia: poéticas possíveis?	LEOTE, Rosangella	capítulo de livro	SciELO	português	2015
PIBIC	La percepción sinestésica: Vínculos entre lo auditivo y lo visual	ACEVEDO, María FREITAS, Alexandre Siqueira	artigo	SACCOm	espanhol	2002
PIBIC	Apontamentos sobre tradução e sinestesia	ZAREMBA, Lilian	artigo	Academia.edu	português	2009
PIBIC	Um Ouvído Por Um Olho	BRAGANÇA, Guilherme Francisco Furtado	artigo	X	português	2016
PIBIC	Parâmetros para o estudo da sinestesia na música	MARI, Hugo	artigo	SciELO	português	2010
PIBIC	Sinestesia e metáforas	CAESAR, Rodolfo	artigo	Scripta/Puc Minas	português	2014
PIBIC	O tímpano é uma tela?!	FORNARI, José; MANZOLLI, Jônatas; SHELLARD, Mariana	artigo	Academia.edu	português	2005
PIBIC	O mapeamento sinestésico do gesto artístico em objeto sonoro.	PRESA, Carla Patrícia Magalhães	artigo	SciELO	português	2009
PIBIC	Sinestesia na Arte	BERGANTINI, Loren	dissertação de mestrado	uBiblorum	português	2008
PIBIC	Sinestesia mediada pela tecnologia na arte: a interação entre voz e imagem	LEOTE, Rosangella da Silva	dissertação de mestrado	Biblioteca digital USP	português	2016
PIBIC	Arte dentro e fora do corpo	BRAGANÇA, Guilherme Francisco Furtado	capítulo de livro	SciELO Books	português	2015
PIBIC	A Sinestesia e a construção de significação musical	CAZNÓK, Yara Borges	dissertação de mestrado	Repositório Institucional da Universidade Federal de Minas Gerais	português	2008
PIBIC	Música: entre o audível e o visível	OROZCO, Tayane	capítulo de livro	Google Books	português	2003
PIBIC	A melodia das cores: O sensível, o audível e o visível	BRAGANÇA, Guilherme Francisco Furtado	trabalho de conclusão de curso	Repositório Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Norte	português	2015
PIBIC	Relações entre sensações sinestésicas, estados emocionais e estruturas musicais	LUDWIG, Vera; ADACHI, Ikuma; MATSUZAWA, Tetsuro	tese de doutorado	Repositório Institucional da Universidade Federal de Minas Gerais	português	2014
PIBIC	Visuoauditory mappings between high luminance and high pitch are shared by chimpanzees (Pan troglodytes) and humans	HEYRMAN, Hugo	artigo	Proceedings of the National Academy of Sciences	inglês	2011
PIBIC	Art and Synesthesia: in search of the synesthetic experience	BERMAN, Greta	artigo	Doctor Hugo	inglês	2005
PIBIC	Synesthesia and the Arts	COSTA, Fernando	artigo	Academia.edu	inglês	1999
PIBIC	Sinestesia: correspondências entre cor e som	CAETANO, Alexandra Cristina Moreira	trabalho de conclusão de curso	Repositório Institucional da Universidade de Caxias do Sul	português	2018
PIBIC	Synesthesias - Interfaces da Sensorialidade	GASPAR, Veronica	tese de doutorado	Repositório Institucional da Universidade de Brasília	português	2015
PIBIC	Sensorial and temporal interconnections in the message of artistic communication	SPECKER, Eva; et al.	artigo	Journal of Romanian Literary Studies	inglês	2019
PIBIC	Warm, lively, rough? Assessing agreement on aesthetic effects of artworks	VALENTIM, Vitoria	artigo	Public Library of Science	inglês	2020
PIBIC	O Despertar Sinestésico no Âmbito Artístico	CALAIS, Beatriz; CARMEN, Gabriela Del	artigo	Arte, Mídias e Tecnologias	português	2018
PIBIC	Viagem Sensorial	SAFRAN, Avinoam B.; SANDRA, Nicolae	artigo	UOL	português	2020
PIBIC	Color synesthesia. Insight into perception, emotion, and consciousness	RAMACHANDRAN, Vilayanur Subramanian; HUBBARD, Edward Michael	artigo	PubMed	português	2015
PIBIC	Synaesthesia - A Window Into Perception, Thought and Language	SILVA, Laise Gabrielle de Oliveira	artigo	Journal of Consciousness Studies	inglês	2001
PIBIC	sinestesia: projeto de site e visualização de dados sobre a relação percebida entre cores e notas musicais	SOUZA, Rodolfo Coelho de	trabalho de conclusão de curso	Pantheon Repositório Institucional da UFRJ	português	2021
PIBIC	Sinestesia como condição para a linguagem: Uma conjectura	CYTOWIC, Richard E. ROGOWSKA, Aleksandra	Artigo	Pantheon Repositório Institucional da USP	português	2016
PIBIC	Synesthesia: Phenomenology and neuropsychology. A review of current knowledge	SANTOS, Valéria Pedrosa dos; CUNHA, Daliane Solange Stoebert.	artigo	ResearchGate	inglês	1995
PIBIC	Categorization of Synaesthesia	POSCA, Luís Müller; AGRELI, João Henrique Lodi	artigo	ResearchGate	inglês	2011
PIBIC	Revisão sistemática de publicações científicas brasileiras sobre sinestesia	ROOT-BERNSTEIN, Robert e Michèle	artigo	Academia.edu	português	2021
PIBIC	Sinestesia, Arte e Deficiência Visual: Aplicação de um método didático-pedagógico para apreciação de pinturas por alunos não visuais na Educação Básica	DE SOUZA, Rodolfo Coelho	artigo	Revista Educação, Artes e Inclusão	português	2019
PIBIC	Sintetizar	BASBAUM, Sérgio Roclaw	capítulo de livro	X	português (tradução)	2000
PIBIC	Sinestesia como condição para a linguagem: Uma conjectura	CAMPEN, Cretien van	artigo	ResearchGate	português	2016
TCC	Sinestesia, Arte E Tecnologia	DAY, Sean	livro	Google Books	português	2002
TCC	The Discovery of Synesthesia in Childhood	DAY, Sean	artigo	ResearchGate	inglês	2013
TCC	Synesthesia	DAY, Sean	livro	http://www.daysyn.com	inglês	2018
TCC	Synesthetes: a handbook	DAY, Sean	livro	http://www.daysyn.com	inglês	2016
TCC	A Comparison of True-Synesthete and Pseudo-Synesthete Composers	FORESTA, Martina Rita Maria	capítulo de livro	Academia.edu	inglês	2000
TCC	Synaesthesia: A Richer Experience of Reality. An Overlook at the Neuroaesthetics Study of Synaesthesia and its Implications in Art.	SIMNER, Julia et. al.	artigo	Neuro Humanities Studies	inglês	2012
TCC	Synaesthesia: The prevalence of atypical cross-modal experiences	HUBBARD, Edward Michael	artigo	ResearchGate	inglês	2006
TCC	Neurophysiology of Synesthesia	FRANCESCHINI, Sheila Regiane	artigo	PubMed	inglês	2007
TCC	Sinestesia e percepção como forma de conhecer e reconhecer o mundo numa experiência musical	CAMPEN, Cretien van	tese de doutorado	REPOSITORIO PUCSP	português	2021
TCC	Synesthesia and Artistic Experimentation		artigo	http://www.daysyn.com	inglês	1997

Apêndice B – Quadro 2

LISTA DE PESSOAS NOTÁVEIS QUE AFIRMARAM TER SINESTESIA

nome	profissão	tipo de sinestesia	fonte
Alessia Cara	musicista	som-cor	https://www.youtube.com/watch?v=zEC4mwDHIsw
Ali Barker	pintora	som-cor	https://www.instagram.com/synesthesia_me/
Amy Beach	musicista	som-cor	referências textuais
Ana Eulália	não informado	não informado	https://www.instagram.com/_anaeulalia/
Arae	musicista	som-cor	https://www.instagram.com/thisisarae/
Asia	pintora	som-cor	https://www.instagram.com/synesth_asia/
B Bandeira	pintor	não informado	https://www.instagram.com/benestesia/
Bea Miller	musicista	som-cor	https://www.youtube.com/watch?v=DK4BqUjoajI
Bernadette Sheridan	não informado	grafema-cor	https://www.instagram.com/synesthesia_me/
Billie Eilish	musicista	polissinestesia	https://youtu.be/bRfgF_IXsGE
Billy Joel	músico	grafema-cor	referências textuais
Brady	designer	não informado	https://www.instagram.com/bradysynesthesiaart/
Brea'n Thompson	pintora	som	https://www.instagram.com/janefloats/
C.R	não informado	orgasmo	https://www.instagram.com/synfulstrokes/
Carla	musicista	não informado	https://www.instagram.com/carlaasongs/
Carol Steen	pintora	polissinestesia	referências textuais
Carolyn CC Hart	pintora	polissinestesia	https://www.instagram.com/carolyncchart/
Charles Blanc-Gatti	pintor	não informado	referências textuais
Charli XCX	musicista	som-cor	referências textuais
Chris Guidi	não informado	não informado	https://www.instagram.com/199x_art/
Ciele Beau	pintora	não informado	https://www.instagram.com/cielebeau/
David Hockney	pintor	não informado	referências textuais
Duke Ellington	músico	som-cor	referências textuais
Epokhé	músico	não informado	https://www.instagram.com/epokhemusic/
Eric Borba	músico	não informado	https://www.instagram.com/ericborba/
Eyra	musicista/pintora	som-cor	https://www.instagram.com/eyrabdesign/
Finneas O'Connell	músico	polissinestesia	referências textuais
Frank Ocean	músico	som-cor	referências textuais
Franz Liszt	músico	som-cor	referências textuais
Giuseppe Arcimboldo	pintor	não informado	referências textuais
J. Quinn	pintor	cor	https://www.instagram.com/tothequinn/
Jack Coulter	pintor	som-cor	https://www.instagram.com/jackcoulter/
Jake Andrew	pintor	não informado	https://www.instagram.com/jakeandrew.eth/
James Wannerton	profissional de TI/artista/escritor	som-paladar	https://jameswannerton.com/
Joan Mitchell	pintora	não informado	referências textuais
Jodie Elms	pintora	som-cor/toque-cor	https://www.instagram.com/iesynesthesia/
Lady Gaga	musicista	som-cor	referências textuais
Lauren	não informado	som-cor/grafema-cor	https://www.instagram.com/song_sight/
Lauren Bierly	pintora	som-forma	https://www.instagram.com/mind_s_pace/
Lorde	musicista	som-cor	https://www.youtube.com/watch?v=SYH74ORPnpM
Lucas Masoch	músico	não informado	https://www.instagram.com/masochmusic/
Marelle	pintora	grafema-cor	https://www.instagram.com/synesthesia_artx/
Marina	musicista	som-cor	https://youtu.be/2cqxLZHDaxs
Melissa McCracken	pintora	som-cor	https://www.instagram.com/melissamccrack/
Miyakah	pintora	não informado	https://www.instagram.com/miyakahsgorge/
Moira Bren	musicista	grafema-cor	https://www.instagram.com/6_is_green/
Monica Bush	pintora	não informado	https://www.instagram.com/minds0up/
Myke Karlowshi	pintor	não informado	https://www.instagram.com/mykekarlowski/
Natalie Brake	pintora	não informado	https://www.instagram.com/nataliebrakeart/
Olivia Rodrigo	musicista	não informado	https://youtu.be/wiDhsdRqlmw
Olivier Messiaen	músico	não informado	referências textuais
Pedro Longes	músico	não informado	https://www.instagram.com/pedrolonges/
Pharell Williams	músico	som-cor	referências textuais
Philippa Santon	pintora	não informado	https://www.instagram.com/5fitin/
Ramona Armitage	pintora	som-cor	https://www.instagram.com/ramonaarmitageart/
Rebecca Elisabeta Marya	pintora	som-cor	https://www.instagram.com/remnbeiroarts/
Richard Feynman	matemático	grafema-cor	referências textuais
Richarlita	musicista	som-cor	https://www.instagram.com/richarlita/
Sam Buckley	não informado	som-cor	https://www.instagram.com/samm_buckley/
Sami	musicista	não informado	https://www.instagram.com/soundslikesami/
Sarah Capps	pintora	som-cor	https://www.instagram.com/shepaints.allnight/
Sarah Kraning	não informado	som-cor	https://www.instagram.com/sarahkraning/
Schinria	pintora	som-cor	https://www.instagram.com/schinriaart/
Silgato	pintor	som-cor	https://www.instagram.com/silgato_/
Simon Jones	não informado	som-cor	https://www.instagram.com/simon_the_synesthe/
St. Vicente	musicista	som-cor	
Stephanie de Paula	pintora	som-cor	https://www.instagram.com/stdepaula/
Suzanne Foss	desenhista	som-cor	https://www.instagram.com/suzannefossart/
Syd Barrett	músico	não informado	referências textuais
Tania Ilyashova	musicista	não informado	https://www.instagram.com/tania_ilyashova/
Veronica Selby	musicista/pintora	som-cor	https://www.instagram.com/vronselby/
Vladimir Nabokov	escritor	não informado	referências textuais

Apêndice C – Roteiro da entrevista com Stephanie de Paula

Dados pessoais:

Perguntas que dizem respeito a dados pessoais que faltam em seus registros.

1. Nos conte um pouco mais sobre sua formação. Cursou algum curso superior? Qual instituição? Quando entrou e quando finalizou?
2. E sobre artes visuais, principalmente pintura, o que poderia nos dizer sobre sua formação na área?
3. Como foi sua infância? Onde nasceu e cresceu? Como é a sua formação familiar?

Arte:

Perguntas sobre sua relação com a arte, já que é artista, precisamos entender suas referências para além de sua condição. Mesmo que a sinestesia seja o foco, a artista não é apenas isso.

4. O que te levou para o universo da moda? O gosto pela moda sempre fez parte da sua vida? Como foi sua trajetória até aqui?
5. Você é pintora antes de fashionista ou fashionista antes de pintora? Pergunto isso, pois o desenho conecta ambas, então gostaria de saber o processo de criar roupas até os quadros. Essa pergunta também gera outra: em que momento você sentiu inclinação a se tornar artista?
6. Quem você diria que são suas influências no mundo da arte?
7. Como a arte contribui para sua existência? Que experiências você poderia destacar que foram importantes para sua formação, tanto para ser uma artista quanto para a pessoa Stephanie?
8. O que lhe move a ser artista? Tanto para ilustrar, pintar, desenhar roupas e entre outros.
9. Como um trabalho começa? Você precisa estar em um ambiente silencioso ou deve estar ouvindo alguma música? Onde geralmente pinta? Existe um ambiente próprio para isso? Pergunto isso tudo, pois gostaria de saber se há um ritual de preparo antes de começar a criar.
10. Quando você começa, existe um ponto de partida típico, seu ponto de entrada usual, na tela? Como a obra assume tipicamente um sentido e carácter formal?
11. Quanto tempo você costuma levar para produzir uma pintura, desde a ideia inicial até a peça finalizada? Você trabalha consecutiva ou simultaneamente em várias peças simultaneamente?
12. Ao ter que enfrentar todo o processo de construir e entender seu trabalho, suas emoções e relações, do início para cá, quais foram as mudanças mais percebidas por você em relação às suas produções? Isto é, como você entende sua arte? Gostaria de saber sua opinião sobre o que já produziu e o que está produzindo agora.
13. As suas ideologias pessoais interferem nas suas criações ou é “puramente” a sinestesia agindo?
14. Como você descreveria a estética de suas pinturas? O que considera em seus trabalhos, pensando nos termos presentes na história da pintura, como: figuração contra abstração e técnica, por exemplo?
15. Quais foram os principais desafios da sua carreira até o momento?

Sinestesia:

Perguntas que envolvem sua condição sinestésica e como ela se apresenta em sua rotina.

16. Como sua sinestesia se manifesta?
17. Todos os sons têm cores para você, ou apenas música?
18. Se você pudesse definir som e cor, com base na sua condição, o que você diria que são?
19. Quando você descobriu ter sinestesia, e de que forma isso afeta você? Você já tinha ouvido falar da condição antes ou era um conceito novo para você? Você conheceu alguém que tem sinestesia semelhante à sua? Como foi o contato com essa pessoa?
20. Como você costuma explicar sua condição para pessoas curiosas? Se é que é preciso explicar algo, mas como é uma conversa sobre sua sinestesia com outras pessoas?
21. Me intrometendo mais, que equívocos e críticas as pessoas já falaram sobre sua sinestesia?
22. O que você acha que é a coisa mais interessante sobre sua sinestesia? Se é que é possível elencar um único aspecto.
23. Como você enxerga, enquanto artista, a questão da sinestesia ou outros assuntos que relacionam arte e neurociência sendo construídos?
24. Você acha que suas interpretações sonoro-visuais são consistentes ou variam de peça para peça?

OSTNCS:

Perguntas em relação à conexão que a artista tem com seu objeto de estudo. Entender o processo de criação e percepção que a mesma teve para pintar e construir as obras para a exposição.

25. Quando começou a frequentar as apresentações da Orquestra e por quê?
26. Como surgiu a sua parceria com a Orquestra para pintar as apresentações?
27. Agora pouco perguntei como é o seu preparo para iniciar um trabalho. Isso se mantém quando mencionamos a exposição Sinestesia com a Orquestra de Brasília? Como foi essa sua imersão? Quanto tempo ficou dedicada a essa ação? Participou dos ensaios ou apenas dos concertos? Conte mais detalhes sobre como se deu esse projeto.
28. Quando você ouve algo como música orquestral, os diferentes instrumentos criam cores diferentes?
29. A música ao vivo parece diferente da música gravada?

Exposição:

Perguntas que exploram a exposição na totalidade, desde a curadoria, montagem, a realização e desmonte da mesma. Entender seu processo de elaboração e as ações voltadas a ela, além de retornos do público.

30. Conferir o nosso trabalho montado, exposto e em relação com outros, acaba impactando muito na gente. O que você poderia dizer a Stephanie de 2019 no primeiro dia da exposição?
31. A partir do design de exposições podemos contar uma história, como foi a experiência de desenhar as relações entre os seus quadros? Como foi pensado o trajeto ao longo da exposição?

**Apêndice D – Convite para os participantes da entrevista com Stephanie de Paula
(e-mail)**

E-MAIL DE CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM RODA DE CONVERSA

Prezado(a) professor(a) [INSERIR NOME COMPLETO DO CONVIDADO(A)]

Apresento através deste, um convite formal, levantando a possibilidade da sua participação na composição da roda de conversa com a artista Stephanie de Paula.

No próximo dia ___/___/20___, às ___ horas, a roda será sobre o processo criativo de uma artista sinesteta, isto é, uma artista que propõe em sua poética, sua condição neurológica que possibilita a conexão de dois sentidos simultaneamente. O tema abordado será a criação de obras vinculadas a sua vivência com uma Orquestra de Brasília.

Por sua atuação em [HISTÓRICO DE ATUAÇÃO DO CONVIDADO QUE JUSTIFIQUE SUA PRESENÇA]. Contamos com sua presença na contribuição da pesquisa.

Está interessado(a) em participar? Caso, sim, solicito seu retorno diante do documento abaixo, disponível no formato .doc em anexo. Além disso, encaminho o catálogo da exposição da artista, seu perfil no Instagram e a lista prévia de perguntas. Conto com suas colocações no momento da roda de conversa.

Mais informações podem ser obtidas pelo telefone [INSERIR O NÚMERO DE CONTATO DA GRADUANDA].

Agradecemos, desde já, toda atenção até aqui.

Aguardamos com otimismo seu retorno!

Atenciosamente,

Ana Beatriz Acioli Mendes

**Apêndice E – Convite para os participantes da entrevista com Stephanie de Paula
(documento)**

CARTA CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM RODA DE CONVERSA

Prezado(a) professor(a) [INSERIR NOME COMPLETO DO CONVIDADO(A)]

Temos a imensa satisfação de convidá-lo(a) para participar como membro da Roda de Conversa com a artista Stephanie de Paula. Essa roda faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “O fazer artístico sinestésico: o caso da artista Stephanie de Paula” que será realizado, em formato remoto via videoconferência, na sala [LINK DA SALA ONLINE] no dia ___/___/20___, às ___ horas.

Este trabalho apresenta um estudo de caso sobre o processo criativo de uma artista independente sinesteta. Ao citarmos sua exposição “Sinestesia” (2019) como resultado da sua relação sensorial com a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro (OSTNCS), a monografia analisa os trabalhos expostos e os registros dos mesmos com depoimentos, entrevistas, anotações, entre outros. Esta roda de conversa é uma possibilidade metodológica para uma comunicação dinâmica sobre o assunto e sua presença será imprescindível devido suas práticas [HISTÓRICO DE ATUAÇÃO DO CONVIDADO QUE JUSTIFIQUE SUA PRESENÇA].

A mesma será gravada e disponibilizada posteriormente no canal do YouTube do projeto de iniciação científica pela Fundação Oswaldo Cruz chamado “Oficinas de Sinestesia”. Ele foi criado e produzido pela estudante de História de Arte pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Ana Beatriz Acioli Mendes, a mesma que organiza esta roda de conversa.

Observação: O termo de autorização de uso de imagem, voz e som será enviado pós-aceite deste documento.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 20 _____.

Apêndice F – Termo de autorização de uso de imagem e som**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E SOM**

Eu, _____, portador(a) do CPF _____, AUTORIZO a pesquisadora ANA BEATRIZ ACIOLI MENDES, a utilizar a minha imagem, em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e voz, capturados no evento: _____. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) *folder* de apresentação; (II) publicação em revistas, periódicos, jornais acadêmicos e repositórios institucionais, em geral; (III) cartazes; (IV) mídia eletrônica (*homepage*, redes sociais, painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Por meio desta autorização ora concedida, autorizo ANA BEATRIZ ACIOLI MENDES, ainda, a realizar nas imagens e sons captados, cortes, reduções e edições. Estou ciente de que todos os dados são para fins de pesquisa e, portanto, estou consentindo que esses dados sejam publicados. Esta autorização não gera e não gerará no futuro e também não ensejará interpretação de existir quaisquer vínculos ou obrigações trabalhistas, securitárias, previdenciária, indenizatória, ou mesmo empregatícia, entre o(a) cedente e a ANA BEATRIZ ACIOLI MENDES.

DECLARO, portanto, que concordo com essas imagens, que não violam os direitos de imagem e de privacidade do cedente, e tenho ciência que este material constituído por imagens e sons pertence exclusivamente ANA BEATRIZ ACIOLI MENDES, que poderá usá-lo a seu exclusivo critério.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do Cedente